

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA EDUARDA NERES PRATES
VITÓRIA SACCHI

APEGO E DIFICULDADES DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS EM
MULHERES

Ribeirão Preto

2022

**MARIA EDUARDA NERES PRATES
VITÓRIA SACCHI**

**APEGO E DIFICULDADES DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS EM
MULHERES**

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia
do Centro Universitário Barão de Mauá para
obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Ma. Alessandra Ackel Rodrigues.

Ribeirão Preto

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

A641

Apego e dificuldades de relacionamentos afetivos em mulheres/ Maria Eduarda Neres Prates; Vitória Sacchi- Ribeirão Preto, 2022.

82p.il

Trabalho de conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dra. Alessandra Ackel Rodrigues

1. Apego 2. Relacionamentos 3. Mulheres I. Prates, Maria Eduarda Neres II. Sacchi, Vitória III. Rodrigues, Alessandra Ackel IV. Título

CDU 159.9

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB8 9878

MARIA EDUARDA NERES PRATES

VITÓRIA SACCHI

**APEGO E DIFICULDADES DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS EM
MULHERES**

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia
do Centro Universitário Barão de Mauá para
obtenção do título bacharel.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Ma. Alessandra Ackel Rodrigues.
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dra. Flávia Andressa Farnocchi Marucci Dalpicolo
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dra. Gisele Machado da Silva Carita
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto

2022

À minha avó materna: Leila, que durante a finalização deste trabalho voou para dentro do meu coração. Nada seria possível sem ela.

Maria Eduarda Neres Prates

Dedico este trabalho aos meus pais e a todas as mulheres que passaram ou passarão pela experiência de um relacionamento amoroso.

Vitória Sacchi

AGRADECIMENTOS MARIA EDUARDA

O seguinte trabalho de conclusão de curso nunca seria possível sem os seguintes apoios, aos quais agradeço imensamente a seguir. De toda a minha alma, aos meus pais que vieram de realidades um tanto paralelas ao estudo, mas que sempre prezaram pelas minhas descobertas e pelo meu contato tão íntimo com qualquer forma de conhecimento esperando sempre que pudesse, através das minhas próprias opiniões, ao menos estremecer o mundo em que vivo.

Agradeço especialmente à minha mãe, uma mulher ímpar, pedagoga, que me alfabetizou aos meus 4 anos de idade e sempre soube o quanto quantidades de afeto simbólicas e tempo de qualidade poderiam impactar toda a minha vida. Ainda me lembro do nosso pequeno álbum de figurinhas feito à mão a partir de um caderno de capa mole, com figuras de uma caixa de chiclete.

Ao meu pai, a quem devo muitas semelhanças, por me mostrar que com bastante garra e “teimosia” as possibilidades podem se abrir para mim. Sempre, com o seu jeito, me ensinando a viver de maneira mais justa e correta. Muitas memórias de nossas risadas durante meu desenvolvimento e de ser sua “menininha”.

Aos meus avós, que sempre me deram o conforto do afeto e a aprendizagem infindável. Sou grata imensamente à minha avó materna: Dona Leila que se dedicou ao meu cuidado muito antes de que eu pudesse vivenciar dias de terra, a partir dela e por ela que tento todos os dias ser uma mulher empática e compreensiva.

Durante toda essa jornada, não poderia deixar de evidenciar o afeto transmitido através da didática por todos os meus professores. Sou grata ao amor que tanto têm/tiveram pelo que fazem, pela paixão em ensinar que ganhou minha admiração. Singularmente à minha professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e à minha orientadora Alessandra que atuou como um guia e pode me trazer grandes descobertas dentro da Psicologia.

Por fim, agradeço com muito orgulho às minhas evoluções. Evidencio a perseverança e a capacidade de resiliência adquirida durante todos estes anos, compreendendo que nada seria possível sem grandes indivíduos que me ampararam, mas muito menos se não estivesse disposta a superar adversidades e me abrir cada vez mais para o conhecimento. Aliás, meu muito obrigada à Psicologia por me abraçar o tanto que, atualmente, abraço ela.

Aos meus ancestrais, todos/todas que vieram antes de mim e mostraram ao mundo o quanto somos capazes, desmentindo toda forma de opressão que um dia foi imposta sobre nós.

AGRADECIMENTOS VITÓRIA SACCHI

Gostaria de começar agradecendo aos meus pais, por terem me apoiado desde o começo na escolha deste curso e em toda a trajetória do mesmo, tendo sido compreensivos e acolhedores nos momentos em que tive vontade de desistir, porque seria injusto dizer que ao longo de cinco anos essa vontade não nos perpassa, em especial à minha mãe, uma mulher de coração gigante que nunca deixou de acreditar em mim e no potencial que minha carreira como Psicóloga poderia ter para a sociedade.

É inacreditável o quão rápido se vive os cinco memoráveis anos de faculdade e em um estalar de dedos, ao olhar para trás, pode-se vislumbrar uma construção de vivências e experiências acadêmicas que jamais poderiam ser consideradas sem relevância. A construção de laços vai desde os amigos que formamos e desejamos levar para toda a vida, até o sentimento mais absoluto de admiração que sentimos por nossos professores, principalmente a professora e também orientadora deste trabalho de conclusão de curso, Alessandra Ackel Rodrigues, agradeço por mostrar o quão genuinamente prazeroso pode ser o caminho da descoberta que nos foi apresentado.

De todos os erros cometidos e possíveis arrependimentos, ainda sim é muito gratificante chegar ao momento de estar escrevendo este trecho, justamente quando o sentimento de que tudo acabou e ao mesmo tempo está somente começando, assim como em outros aspectos da vida, ter que abrir mão de um contexto que nos acomodou por anos para desbravar outros ainda desconhecidos, é realmente um misto de sentimentos.

Também é importante ressaltar a gratidão que sinto pelo estudo no qual nos debruçamos para realizar este trabalho, visto que a temática foi essencialmente escolhida por preferências e curiosidades muito sinceras da minha parte e da minha dupla, que gostaria de agradecer por todos os momentos de companheirismo e muito profissionalismo, não poderia ter escolhido outra pessoa além de você para me acompanhar nessa finalização tão bonita, você sabe que é especial é para mim. Gosto de imaginar que esse tema possa, com frequência, fazer mais parte do cotidiano das pessoas e ajudar no desenrolar de autoconhecimento de muitas mulheres, visto que ainda é tão escasso falar sobre relacionamentos sem romantização.

“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no
que você não conhece como eu mergulhei.
Não se preocupe em entender, viver ultrapassa
qualquer entendimento.”

(Clarice Lispector)

RESUMO

Durante o desenvolvimento infantil, são estabelecidas diversas características que dizem respeito ao modo como se dá a vinculação dos indivíduos, aspectos que refletem diretamente nas relações comumente direcionadas aos vieses amorosos presentes na vida adulta. Por exercer socialmente um papel mais afetivo, as mulheres se encaminham para relacionamentos que podem se configurar de diversas maneiras e apresentarem em seu desenvolvimento, dificuldades relacionadas a infidelidade, violência e dependência. O objetivo deste estudo foi analisar as características do apego e compreender as dificuldades de relacionamentos afetivos em mulheres. Foi realizado um estudo de levantamento *online*, descritivo, de abordagem quantitativa e recorte transversal. O protocolo de coleta de dados contou com 20 perguntas, sendo que parte delas solicitava a avaliação subjetiva das participantes acerca de uma temática, com respostas variando de 0 a 5. O recrutamento das participantes se deu por meio de redes sociais e participaram 203 mulheres, sendo sua maioria entre 18 e 30 anos (78,8%), heterossexuais (55,2%), solteiras (78,8%), cursando o ensino superior (50,7%), atualmente em um relacionamento (68%), com duração de 2 a 5 anos (29,6%) ou menos de 6 meses (24,1%). As participantes avaliaram seu relacionamento afetivo, em comparação ao relacionamento com os pais, como mais afetuoso (183) e amigável (187), já as características hostil (54) e conflituoso (92) foram mais acentuadas no relacionamento com os pais. Ambos os relacionamentos foram avaliados como estáveis. Com relação às características dos relacionamentos, destacaram-se: compreensivo (166), comunicativo (134), amável (175), empático (149), independente (110) no relacionamento afetivo e incompreensivo (83), pouco comunicativo (109), agressivo (54), apático (61) e dependente (121) relacionamento com os pais. No que se refere aos sentimentos predominantes nos relacionamentos, os agradáveis (alegria, felicidade, confiança, segurança e amor) foram frequentes tanto nos relacionamentos familiares como afetivos. Já os desagradáveis (medo, raiva, frustração e desconfiança) foram apontados em menor frequência de modo geral, mas ligeiramente em níveis mais elevados nos relacionamentos familiares. Em relação às dificuldades no relacionamento afetivo, ressaltaram-se comunicação (66), demonstração de afeto (99) e medo do abandono (35). O estudo propiciou tecer relações entre características dos relacionamentos estabelecidos na infância e na vida afetiva adulta, confirmando que o papel das primeiras relações perpassa a vida. Além disso, nota-se que características descritas nesta amostra como segurança, confiança, compreensão, comunicação e amabilidade contribuem para o estabelecimento de relações de apego seguras, sendo essas fatores protetivos para a saúde mental.

Palavras – chave: Apego. Mulheres. Relacionamentos.

ABSTRACT

During child development, several characteristics are established that relate to how individuals bond, aspects that directly reflect on relationships commonly directed to love biases present in adult life. By exercising a more affective role socially, women move towards relationships that can be configured in different ways and present in their development, difficulties related to infidelity, violence, and dependence. The objective of this study was to analyze the establishment of attachment and understand the difficulties of affective relationships in women. An online, descriptive survey study with a quantitative and cross-sectional approach was carried out. The data collection protocol was made available for 20 days on the “Google Forms” platform and had a convenience sample of 203 women over 18 years old, recruited through social networks. The results of the research pointed to answers that do justice to the intention of the study, allowing the perception that the participants evaluate the affective relationships as more friendly (187), affectionate (183), understandable (166), and kind (175) in relation to the relationship with parents, emphasizing, however, difficulty in communication (66) and demonstration of affection (99) with their partner and understanding the correlation between violence from both parties in the relationship. The study provided the understanding that there is a correlation between the difficulties in the relationship with the parents and the difficulties found in the scope of affective relationships, they are violence, poor communication, insecurity, and infidelity. Through the study, the chance was raised to approach a greater understanding of the difficulties usually found in relationships and attachment characteristics in adulthood, through the participants' self-perception.

Key-words: Attachment. Women. Relationship.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Criação familiar das participantes da pesquisa.....	25
Gráfico 2 - Comparação do clima do relacionamento com os pais e relacionamentos afetivos.....	26
Gráfico 3 - Comparação das características do relacionamento com os pais e relacionamentos afetivos.....	27
Gráfico 4 - Comparação dos sentimentos no relacionamento com os pais e relacionamentos afetivos.....	28
Gráfico 5 - Percepção das participantes da pesquisa com relação à individualidade.....	29
Gráfico 6 - Percepção das participantes da pesquisa com relação às amizades.....	29
Gráfico 7 - Percepção das participantes da pesquisa com relação à felicidade.....	30
Gráfico 8 - Percepção das participantes da pesquisa com relação à necessidade de companhia.....	30
Gráfico 9 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à infidelidade por sua parte do(a) parceiro(a).....	31
Gráfico 10 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à probabilidade de perdoar infidelidade.....	31
Gráfico 11 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à ciúmes de sua parte e por parte do(a) parceiro(a).....	32
Gráfico 12 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à insegurança em relação ao(a) parceiro(a).....	32
Gráfico 13 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à sua dificuldade e a de seu(sua) parceiro(a) de comunicação o que sentem.....	33
Gráfico 14 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à sua dificuldade e a do(a) parceiro(a) em demonstrar afeto.....	33
Gráfico 15 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade em receber afeto.....	34
Gráfico 16 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade da sua família aceitar seu(sua) parceiro(a) e da família dele(dela) em aceitar você.....	34
Gráfico 17 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade dos seus amigos aceitarem o relacionamento.....	35
Gráfico 18 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade em dividir as contas.....	35

Gráfico 19 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade de valores e objetivos para a vida.....	36
Gráfico 20 - Avaliação subjetiva das participantes em relação às diferenças socioculturais.....	36
Gráfico 21 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à comportamentos fisicamente agressivos da sua parte e da parte de seu(sua) parceiro(a).....	37
Gráfico 22 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à comportamentos psicologicamente agressivos da sua parte e da parte de seu(sua) parceiro(a).....	37
Gráfico 23 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à comportamentos controladores por sua parte e da parte do(a) parceiro(a).....	38
Gráfico 24 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à falta de companheirismo do parceiro.....	38
Gráfico 25 - Avaliação subjetiva das participantes em relação a se sentir pressionada a fazer algo que não quer/queria por seu(sua) parceiro(a).....	39
Gráfico 26 - Avaliação subjetiva das participantes em relação a controle financeiro de sua parte e da parte do parceiro(a).....	39
Gráfico 27 - Avaliação subjetiva das participantes em relação a controle de suas amizades por sua parte e por parte do parceiro.....	40
Gráfico 28 - Avaliação subjetiva das participantes em relação ao medo de ser abandonada.....	40
Gráfico 29 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à facilidade em engatar um novo relacionamento.....	41
Gráfico 30 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à apego ao seus(suas) parceiros (as).....	41
Gráfico 31 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à frieza ao se relacionar com os outros.....	42
Gráfico 32 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à confiança nas pessoas com quem se relaciona.....	42
Gráfico 33 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade de criar vínculos profundos com as pessoas.....	43
Gráfico 34 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade de estar sozinha/desacompanhada.....	43
Gráfico 35 - Engatar em um relacionamento afetivo é comum para você?.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Caracterização sociodemográfica da amostra de participantes.....	24
Tabela 2 - Caracterização das participantes da pesquisa quanto aos relacionamentos afetivos.....	26
Tabela 3 - Comportamentos e sentimentos das participantes da pesquisa em relação ao(a) parceiro(a)	28
Tabela 4 - Correlação de Spearman obtida para as variáveis de avaliação subjetiva de dificuldades de relacionamento.....	45
Tabela 5 - Correlação de Spearman obtida para as variáveis de avaliação subjetiva para características dos relacionamentos afetivos.....	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	JUSTIFICATIVA.....	19
3	OBJETIVOS	20
4	MÉTODOS	21
4.1	Participantes	21
4.2	Local	21
4.3	Instrumentos e Materiais	21
4.4	Procedimento	22
4.5	Aspectos éticos	22
4.6	Análise de resultados.....	23
5	RESULTADOS.....	24
5.1	Caracterização sociodemográfica	24
5.2	Aspectos do relacionamento com os pais e relacionamentos afetivos.....	26
5.3	Comportamento e sentimentos no âmbito dos relacionamentos afetivos.....	28
5.4	Dificuldades nos relacionamentos afetivos	30
5.5	Análise de correlação de variáveis de avaliação subjetiva.....	44
6	DISCUSSÃO	46
6.1	O papel do apego na infância na construção dos vínculos afetivos.....	46
6.2	Dificuldades de relacionamento	48
7	CONCLUSÃO	50
	REFERÊNCIAS	52
	APÊNDICE A – Questionário de coleta de dados	55
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	62
	ANEXO A- Parecer de aprovação CEP	66

1 INTRODUÇÃO

Concebendo as relações humanas como resultado das interações sociais, tem-se a interface amorosa como um ponto de desenvolvimento variavelmente comum dos relacionamentos. A fim de compreender detalhadamente este aspecto, é suscitado o questionamento dos fatores constituintes do sentimento de amor, mesmo este variando culturalmente, socialmente e subjetivamente. Noguera (2020) ressalta que apesar de todas as definições, o amor não se dá de maneira individual, principalmente, ao passo que se torna inviável sem que outros indivíduos se engajem e deem suporte à relação. No entanto, pontua que este sentimento também possui uma faceta animal, descrevendo o desejo que os seres humanos apresentam em se eternizar e ocupar a maior quantidade de espaço.

Sendo assim, estas relações, que muitas vezes se encaminham para um viés amoroso e socialmente entendido como romântico, entrelaçam duas vidas diferentes em um elo de conexão. A teoria levantada por Sternberg (1986), conhecida como “Teoria triangular do amor”, pode exemplificar a maneira como costuma-se compreender os pilares que formam uma relação, sendo estes: intimidade, paixão e compromissos. Esmiuçando esses três itens, pode-se compreender a intimidade como sendo o ramo da proximidade, vínculo e apego. O da paixão estaria relacionado à atração sexual e o sentimento de forte desejo que este alguém esteja vinculado de maneira recíproca, além da expressão de desejo e autoestima. Por fim, os compromissos se voltariam para o desejo do indivíduo de estar com o outro e a longo prazo, compartilhar de suas conquistas com ele, sendo este o desejo de manter este amor por mais tempo.

Não somente Sternberg, mas inúmeros outros teóricos abordaram o tema do amor, adentrando ao âmago de suas peculiaridades, como, por exemplo, dentro da Psicologia e no ramo da psicanálise, onde se associou o amor ao que poderia ser compreendido como a sexualidade sublimada pelo conceito de transferência, ato este que aconteceria em qualquer relação estabelecida entre dois seres em interação, inclusive terapeuta e paciente (RAVANELLO, 2013), ou então ao olhar da ciência do comportamento, que leva ao entendimento de que amor estaria vinculado ao reforçamento mútuo de comportamentos, dessa forma, o tempo compartilhado pelos amantes se resume na liberação de múltiplos reforçadores (HOFFMEISTER; CARVALHO; MARIN, 2019).

Por fim, mas não menos importante, vale ressaltar a relevância do ponto de vista de Beck (1995), que trouxe de forma inovadora a concepção do trabalho sobre os relacionamentos voltados para uma maior compreensão da estruturação cognitiva e o estabelecimento de crenças

nos indivíduos, que, dessa forma, manejam seus relacionamentos sob a influência desses conceitos. A teoria cognitiva comportamental pode trazer luz aos estudos voltados ao entendimento do funcionamento de muitos relacionamentos e de como vão se moldando ao passar do tempo de acordo com a estruturação cognitiva de cada indivíduo.

A conjugalidade é, de fato, uma relação humana muito complexa e multifacetada, explicitada, assim, com variáveis dinâmicas e estáticas. Como revela Andrades (2018), as variáveis dinâmicas abarcam a possibilidade de modificação através de intervenções (métodos terapêuticos e psicoeducativos, por exemplo); no entanto, em se tratando das variáveis estáticas, têm-se as constituições do indivíduo que não são passíveis de modificações (história de vida, estilo de apego).

No que diz respeito às funções neurológicas envolvidas nas relações amorosas, tem-se a dependência (principalmente) emocional como produto. Assim, como ressaltam Bution e Wechsler (2016), esta modalidade necessita de atenção e investigação, pois não se difere de outros tipos de dependência e, inclusive, tem sua etiologia e sintomatologia postas de forma semelhante. Os autores ressaltam, ainda, que o perfil dos dependentes emocionais apresenta comportamentos de submissão ao outro, medo de solidão, baixa tolerância à frustração, abstinência na ausência, conflito de identidade, autonegligência, entre outras características que fazem com que este fator seja um grande risco para a violência.

Esta relação se estabelece muitas vezes mutuamente e de maneira conflituosa, fazendo com que os abusos nos relacionamentos íntimos sejam altamente nocivos à qualidade de vida, saúde física e mental das vítimas (TOSTA, 2017). Abusos estes que podem se caracterizar de diversas formas, sendo sexuais, físicos, verbais e psicológicos; todos definidos pela característica de ameaça, restrição, persuasão e cerceamento de liberdade do outro, envolvendo uma ou todas essas esferas.

Sendo a dependência, necessidade de manter o abusador e a violência aspectos de ordens multicausais, um fator determinante para que estes pontos se desenvolvam seria o estilo de apego estabelecido durante a infância. Este “por sua vez, parece ser relativamente estável, sendo constituído na infância e reproduzido nos relacionamentos do indivíduo ao longo de toda sua vida” (ANDRADES, 2018, p. 12).

Desde os primórdios da psicologia, estuda-se o vínculo entre pais e filhos e sua repercussão ao decorrer da vida dos indivíduos. As ideias trazidas por Pontes (2007) elucidam os conhecimentos primeiramente descritos nas obras de Bowlby e as classificações determinadas por Ainsworth, que permitiram classificar os estilos de apego encontrados em cada indivíduo.

Para Pontes (2007), o que pode ser apoiado pelas bases teóricas da obra de Ainsworth, que trabalha as teorias de apego para a infância do ser humano, são determinados nas seguintes categorias: apego seguro e apego inseguro, este subdividido em evitativo, ambivalente e desorganizado. Como consequência, essas relações refletem nos modelos de apego na vida adulta, decorrentes do processo vivido na infância de cada pessoa.

Quando se trata do modelo de apego seguro, encontra-se na vida do indivíduo um contexto considerado nutritivo e de bons tratos, onde o indivíduo possui tendência a ter uma boa relação com os demais, boa autoestima e busca por apoio social. No modelo de apego ambivalente, encontra-se um contexto de maior negligência, conduzindo a um indivíduo que tende a desconfiar dos outros, resiste a aproximação dos demais e possui rupturas frequentes de vínculos (BOWLBY, 1969 *apud* PONTES, 2007)

Já o sujeito que possui o modelo de apego evitativo possui um histórico de vivência violenta, seja psicológica ou fisicamente, comportando-se de forma pouco emotiva nas relações, é incapaz de compartilhar pensamentos e sentimentos e com problemas na intimidade. Por fim, no Estilo de Apego Desorganizado, o indivíduo carrega um contexto caótico e violento, mutável e instável, possuindo dificuldade para manter relações e afetos significativos, dificuldade para ver os demais sem distorções, além de condutas consideradas contraditórias (BOWLBY, 1969 *apud* PONTES, 2007)

Há grande discordância entre a teoria de apego aplicada à vida adulta. No entanto, segundo Barstad (2013), os indivíduos vivem em uma constante busca por ligações e demonstram seus interesses de maneiras muito semelhantes às estabelecidas na infância. Alguns pontos, logicamente, se diferem das manifestações encontradas em crianças, tomando como exemplo, se encontra o toque físico na procura de proximidade e conforto que ocorre na vida infantil. No entanto, em adultos, a atração física se mostra como grande motivadora desta interação (embora se estabeleça, também, na procura por conforto). É perceptível, então, que o âmbito sexual se mostra bastante presente após as modificações e passagens da infância à vida adulta, não invalidando ou excluindo a procura constante por relações.

Ainda discursando sobre laços desenvolvidos na idade adulta, é sabido que em relacionamentos onde há exposição à violência (sendo ela física, psicológica ou sexual) presencia-se, em maior parte, o seu direcionamento para a mulher da relação. Dessa forma, esse aspecto se torna uma dificuldade acentuada presente nos envoltimentos amorosos, inviabilizando uma relação saudável e, inclusive, pode ser contemplada como sendo relacionada diretamente a desigualdade de gênero. Sabe-se, também, que a violência pode

propiciar o aumento e desenvolvimento de doenças, assim, quando presente em campos interpessoais, torna-se ainda mais difícil a sua prevenção e percepção (SOUZA; ROS, 2006).

Tem-se, então, como fruto de todas as interações humanas (o que não exclui as de ordem romântica) a violência. Este aspecto se mostra como um fenômeno complexo, recorrente em toda a história da humanidade e com marcas sociais, emocionais e culturais profundas. Como ressalta Minayo (2009), não diferente é sua conceituação, justamente por se tratar de um fator multicausal e de grande amplitude, sendo considerada, inclusive, como um problema de saúde pública. Dessa forma, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no Relatório mundial sobre violência e saúde, como descrito por Krug *et al.* (2002) define a violência como uso intencional de força ou poder contra si, outra pessoa, um grupo ou comunidade tendo como resultante ou que tenha possibilidade de resultar em danos de ordem física e psicológica.

Dentre as variadas classificações e ramificações da violência, encontra-se a violência de gênero como forma de dominação que, de acordo com Minayo (2009), é comumente sofrida por mulheres. Este fator, direcionado especificamente ao gênero feminino, tem origem nas relações desiguais que foram se estabelecendo durante os séculos, principalmente, em função dos modelos familiares (GRIEBLER; BORGES, 2013).

Por muitos anos, a problemática se arrastou e, conseqüentemente, complexificou-se por ser considerada de domínio privado, ou seja, o espaço doméstico. Segundo Griebler e Borges (2013), assim como todo conflito que ocorria neste meio, eram indiscutíveis e não se tornaram interesse público. Além disso, outro fator de perpetuação diz respeito ao fato dos comportamentos violentos serem intergeracionais, então, como explicitam Oliveira e Sani (2009), os sujeitos que vivenciaram ou presenciaram situações deste modelo no seio familiar, apresentam maior probabilidade de desenvolvê-las futuramente.

Entende-se, também, segundo Barbosa *et al.* (2021), que as ações denominadas violentas se configuram de maneira díspar em todos os grupos existentes de mulheres. Pedindo, de maneira indispensável, um olhar voltado à ótica da interseccionalidade (que reconhece as variadas formas de vulnerabilidade e opressão femininas), não se prendendo a discursos universalistas que as aprisionam em modelos estruturados. Se faz urgente compreender que determinados grupos de mulheres estão expostos e, conseqüentemente, vulneráveis de maneiras muito diferentes à violência, os autores ressaltam que:

Tal perspectiva conduz à reflexão de como os eixos de opressão se entrecruzam e potencializam, uma vez que, do ponto de vista analítico, permite identificação dos problemas sociais, capturando suas conseqüências estruturais e dinâmicas das complexas intersecções entre os vários eixos de subordinação, buscando desnaturalizar o instituído (constituído) (BARBOSA *et al.*, 2021, p. 4).

Ao conceber a violência doméstica e, também a de gênero, fala-se, preferencialmente, das relações entre homem-mulher, o que não significa e nem exclui “que uma relação de violência entre dois homens ou entre duas mulheres não possa figurar sob a rubrica de violência de gênero” (SAFFIOTI, 1999, p. 83). Nesse sentido, a orientação sexual da vítima se mostra irrelevante para a configuração e classificação da violência, inclusive, a própria Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), em seu artigo 5º, parágrafo único, tece que as relações pessoais enunciadas independem de orientação sexual, demonstrando que a mulher pode estar inserida como sujeito passivo ou ativo de comportamentos violentos. Outro fato é que estes atos podem ocorrer sem restrição de gênero, visto que a cultura vigente se classifica de maneira machista, sexista e patriarcal, encontrando sua reprodução tanto em homens, quanto em mulheres.

Dessa forma, têm-se a compreensão da violência como um fenômeno que impacta diretamente a forma como se dão os relacionamentos, principalmente em um viés considerado abusivo (MINAYO, 2009). Ao serem relacionados e analisados de forma aprofundada, encontra-se uma base no que talvez estabeleça o que parece ser uma forma tão enraizada de apego emocional nesses relacionamentos (PONTES, 2007).

Não só os comportamentos violentos são alvos de grandes problemáticas dentro dos relacionamentos, como também os comportamentos que tangem à infidelidade. Assim, como é perpetuada socialmente a ideia de que a infidelidade seria uma quebra de contrato e rompimento de confiança entre um casal, a traição é vista como um grande tabu a ser desvendado, onde sempre se procurou o real motivo que levou o indivíduo a trair. Entre homens e mulheres existe uma semelhança em questão a esse comportamento, visto que a maior parte das traições ocorre por meio de insatisfação com o presente relacionamento, sendo assim

Homens e mulheres não difeririam quanto aos tipos de comportamentos que perpetuam e ao observar os motivadores para a infidelidade os resultados também se assemelharam: o principal motivador para a traição em ambos os sexos foi a insatisfação com o companheiro(a) ou com a relação. Esses achados evidenciam que, de maneira geral, homens e mulheres vivenciam a infidelidade de maneira semelhante, mantendo suas idiosincrasias, além de apontar para a importância do relacionamento conjugal na compreensão do tema (SHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018, p. 11).

Ademais, o que é considerado infidelidade para uma determinada pessoa pode variar em seus significados, visto que existe uma gama de tradições socialmente envolvidas, onde preza-se mais a traição por relação sexual à traição por desenvolvimento de vínculo amoroso com outro alguém (THOMPSON, 1984 *apud* SCHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018). Portanto, o que segue à luz da compreensão ainda é pouco aprofundado,

porque a traição é um fenômeno multifatorial e de inúmeras camadas envolvidas podendo oscilar.

2 JUSTIFICATIVA

As relações interpessoais e as afetivas em especial, permeiam a vivência humana e podem ser fonte de satisfação e/ou sofrimento. Nesse sentido, torna-se importante analisar as características de tais relacionamentos na atualidade e fatores envolvidos, uma vez que vivências prévias na infância e, conseqüentemente, características dos modelos de apegos empregados nesta fase do desenvolvimento, são fundamentais para a escolha e manutenção dos relacionamentos atuais. Considera-se a temática atual, tanto do ponto de vista clínico como preventivo e espera-se contribuir com a literatura da área.

3 OBJETIVOS

Esse trabalho tem como objetivo geral analisar características do apego e dificuldades de relacionamentos afetivos em mulheres e como objetivos específicos, descrever as características de apego desenvolvidas ao longo da vida e nos relacionamentos atuais e descrever as principais dificuldades encontradas nos relacionamentos afetivos na perspectiva de mulheres.

4 MÉTODOS

Foi realizado um estudo de levantamento *online*, descritivo, de abordagem quantitativa e recorte transversal com o objetivo de analisar as características do apego e dificuldades de relacionamentos afetivos em mulheres.

4.1 Participantes

A amostragem deste estudo foi não probabilística. Dessa forma, participaram do estudo 203 mulheres maiores de 18 anos que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo.

4.2 Local

A coleta de dados foi realizada online. Sendo assim, a participante pôde responder a pesquisa de qualquer local que estivesse confortável e com acesso à internet.

4.3 Instrumentos e Materiais

Para participar deste estudo online, a participante deveria contar com qualquer tipo de dispositivo eletrônico que permitisse acesso à internet.

Para a coleta dos dados, foi utilizado um questionário estruturado (APÊNDICE A) com perguntas referentes às características da história afetiva da participante, tanto com relação ao desenvolvimento dos vínculos iniciais com figuras de cuidado quanto como na relação com parceiros (as) atuais. Outro ponto abordado no questionário foram os comportamentos típicos das participantes nos relacionamentos.

O questionário continha 56 perguntas ao todo, elaboradas pelas pesquisadoras para fins do presente estudo. Todas as perguntas tinham parâmetros definidos de respostas, contando, também, com questões de avaliação subjetiva, nas quais o participante pôde estimar, em uma escala de 0 a 5, o quanto aquela descrição se aplicava a uma característica sua ou dificuldades vivenciadas nos relacionamentos afetivos.

4.4 Procedimento

O convite para participação na pesquisa foi realizado por meio das redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp, obtendo sua disseminação por meio de compartilhamentos próprios da plataforma. Optou-se por esse delineamento *online* por possibilitar acesso a um maior número de mulheres que pudessem responder ao estudo.

O questionário de coleta de dados ficou disponível de forma online durante 20 dias. Estima-se que o tempo máximo que os participantes levaram para respondê-lo foi de 20 minutos. Entre as questões elaboradas, a participante pôde responder sobre dados de caracterização sociodemográficos, dificuldades nos relacionamentos afetivos e características de apego desenvolvidas ao longo da vida e nos relacionamentos afetivos que estabeleceram na vida adulta. As participantes foram orientadas que as informações obtidas seriam utilizadas estritamente para fins científicos.

4.5 Aspectos éticos

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), sendo aprovado sob parecer substanciado nº 5.429.129/2022 (ANEXO A). Para seu desenvolvimento, foi construído um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) com as orientações e esclarecimentos sobre a pesquisa em questão, seus possíveis riscos e benefícios, direitos, garantias e liberdades, formas de reembolso e reparação, disponibilização de contato com as pesquisadoras e CEP, além da garantia de adquirir uma via do TCLE, de acordo com a descrição encontrada na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Considera-se que esta pesquisa tinha riscos mínimos, apresentando como principais desconfortos esperados o cansaço ao responder as questões ou mobilização emocional pelo conteúdo abordado. Como forma de atenuar esses possíveis riscos, foram elaboradas questões curtas, no entanto, caso a participante sentisse algum desconforto e/ou constrangimento, os contatos das pesquisadoras foram colocados à disposição para orientações e encaminhamentos necessários. Além disso, a participante pôde não responder a qualquer questão que causasse algum desconforto e interromper sua participação imediatamente, momentânea ou definitivamente.

No que se refere à coleta de dados em ambiente virtual, não foi solicitada nenhuma informação que poderia pessoalmente identificar a participante, tais como seu nome, telefone,

e-mail, etc. Além disso, assim que finalizada a coleta dos dados, as pesquisadoras imediatamente removeram o arquivo com as informações obtidas da nuvem, ficando o acesso único e exclusivo das pesquisadoras, garantindo, assim, a confidencialidade das informações.

Com relação aos benefícios da participação na pesquisa, acredita-se que ela possibilita a reflexão sobre o desenvolvimento e manutenção das relações interpessoais no âmbito familiar e afetivo. A participante pôde refletir, ainda, sobre a forma como tem se relacionado com seus companheiros e como sua história de vida e comportamentos podem impactar no desenrolar dos envolvimento amorosos. De modo amplo, a participação na pesquisa produziu informações que ajudaram a entender as dificuldades nos relacionamentos afetivos de mulheres adultas, o que pôde contribuir com informações relevantes para a prática profissional de psicólogos que atuam com mulheres e dificuldades de relacionamentos.

4.6 Análise de resultados

A análise dos resultados dessa pesquisa foi quantitativa, com descrição da frequência e porcentagem com que cada característica abordada no roteiro foi encontrada na amostra. Além disso, para as variáveis de avaliação subjetiva, foram realizadas análises de média, mediana e desvio padrão dos valores encontrados, bem como testes de correlação.

5 RESULTADOS

Os resultados do presente estudo serão apresentados em tabelas e gráficos contendo informações sobre características dos relacionamentos com os pais e afetivos, comportamentos e sentimentos no âmbito dos relacionamentos afetivos, dificuldades nos relacionamentos afetivos.

5.1 Caracterização sociodemográfica

A Tabela 1 apresenta a caracterização sociodemográfica das participantes. Observa-se que a maioria era composta de mulheres jovens, entre 18 e 30 anos (78,8%), heterossexuais (55,2%), solteiras (78,8%) e que estavam cursando o ensino superior (50,7%).

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra de participantes.

(continua)

Variável	Frequência	Porcentagem
Idade		
Não informou	3	1,5
18 a 30	160	78,8
31 a 40	22	10,8
41 a 50	10	4,9
51 a 60	8	3,9
Sexualidade		
Bissexual	46	22,7
Heterossexual	112	55,2
Lésbica	38	18,7
Outra	4	2,0
Prefiro não identificar	3	1,5
Escolaridade		
Ensino fundamental completo	1	0,5
Ensino médio completo	37	18,2
Ensino médio incompleto	2	1,0
Ensino superior completo	32	15,8
Ensino superior cursando	103	50,7
Pós-graduação	28	13,8

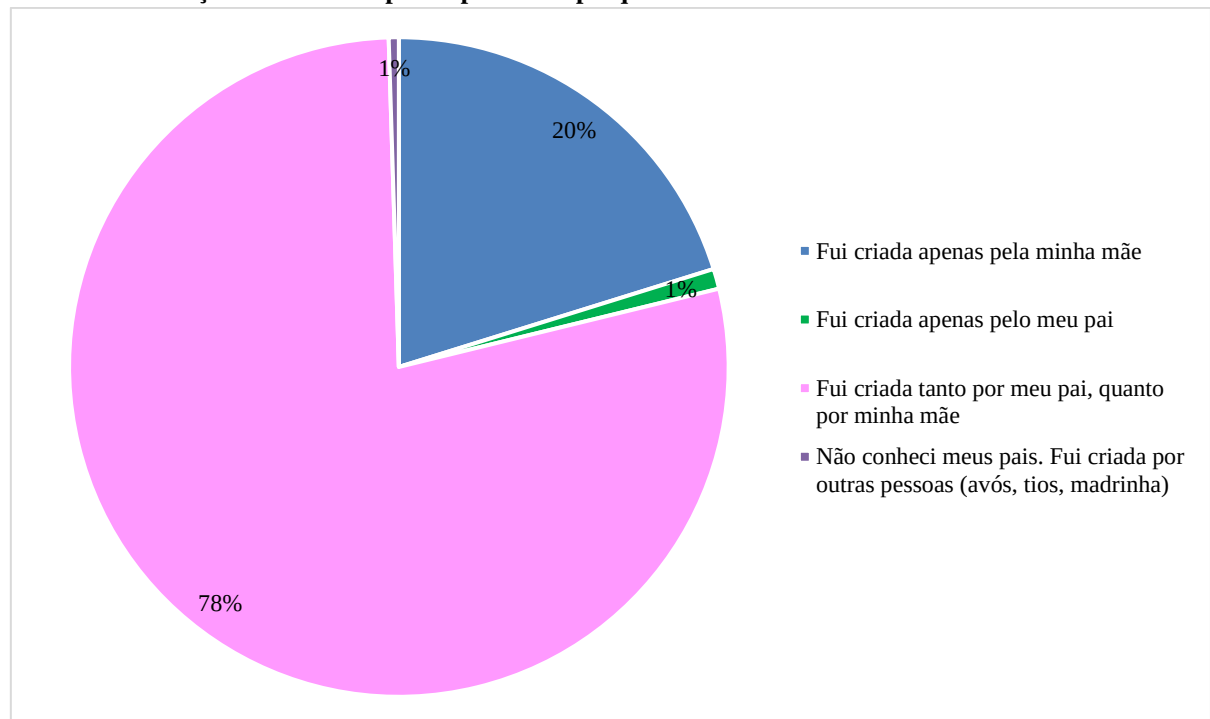
Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra de participantes.

(conclusão)

Variável	Frequência	Porcentagem
Estado civil		
Não informou	1	0,5
Casada/união estável	38	18,7
Divorciada	3	1,5
Solteira	160	78,8
Viúva	1	0,5

Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 1 demonstra que a maior parte das mulheres respondentes foram criadas tanto pela mãe, quanto pelo pai (78%), enquanto algumas foram criadas somente pela mãe (20%).

Gráfico 1 – Criação familiar das participantes da pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Tabela 2, observa-se a caracterização das participantes da pesquisa quanto aos relacionamentos afetivos, onde a maior parte das respondentes se encontram atualmente em um relacionamento (68%), com duração de 2 a 5 anos (29,6%) ou menos de 6 meses (24,1%).

Tabela 2 - Caracterização das participantes da pesquisa quanto aos relacionamentos afetivos.

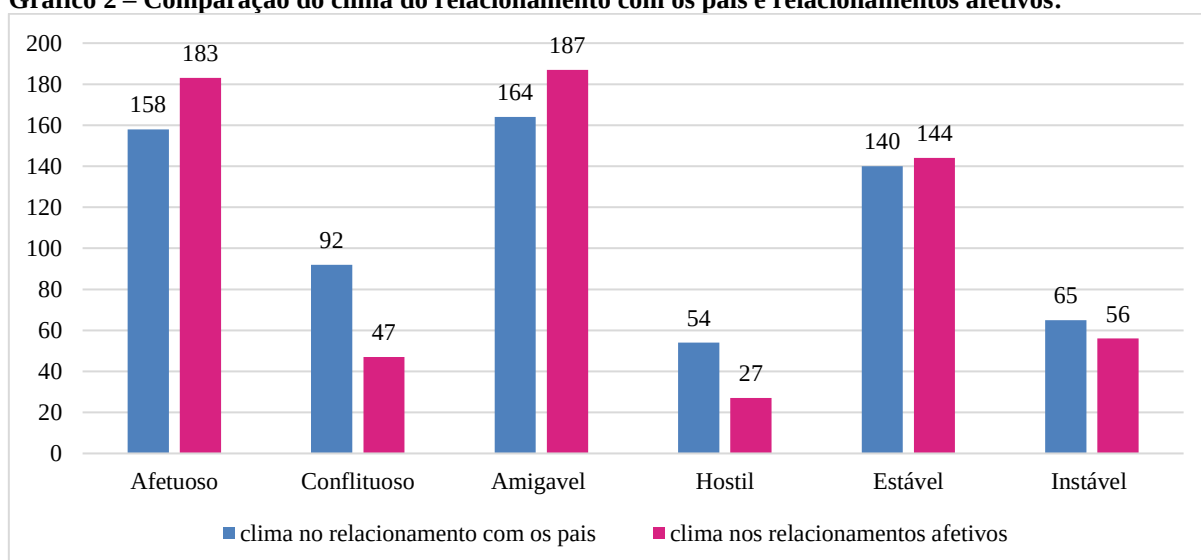
Variável	Frequência	Porcentagem
Está em um relacionamento atualmente		
Não	56	27,6
Não sei	9	4,4
Sim	138	68,0
Duração relacionamento atual		
Não respondeu	2	1,0
1 a 2 anos	28	13,8
10 a 15 anos	10	4,9
2 a 5 anos	60	29,6
6 a 10 anos	18	8,9
De 7 meses a 1 ano	25	12,3
Mais de 15 anos	11	5,4
Menos de 6 meses	49	24,1

Fonte: Dados da pesquisa.

5.2 Aspectos do relacionamento com os pais e relacionamentos afetivos

Após a compreensão da organização familiar e afetiva das respondentes, apresenta-se, então, a necessidade de elucidar a configuração das características presentes nos relacionamentos. Entende-se que estes resultados são subjetivos e, portanto, serão analisados considerando este aspecto de extrema relevância.

Gráfico 2 – Comparação do clima do relacionamento com os pais e relacionamentos afetivos.

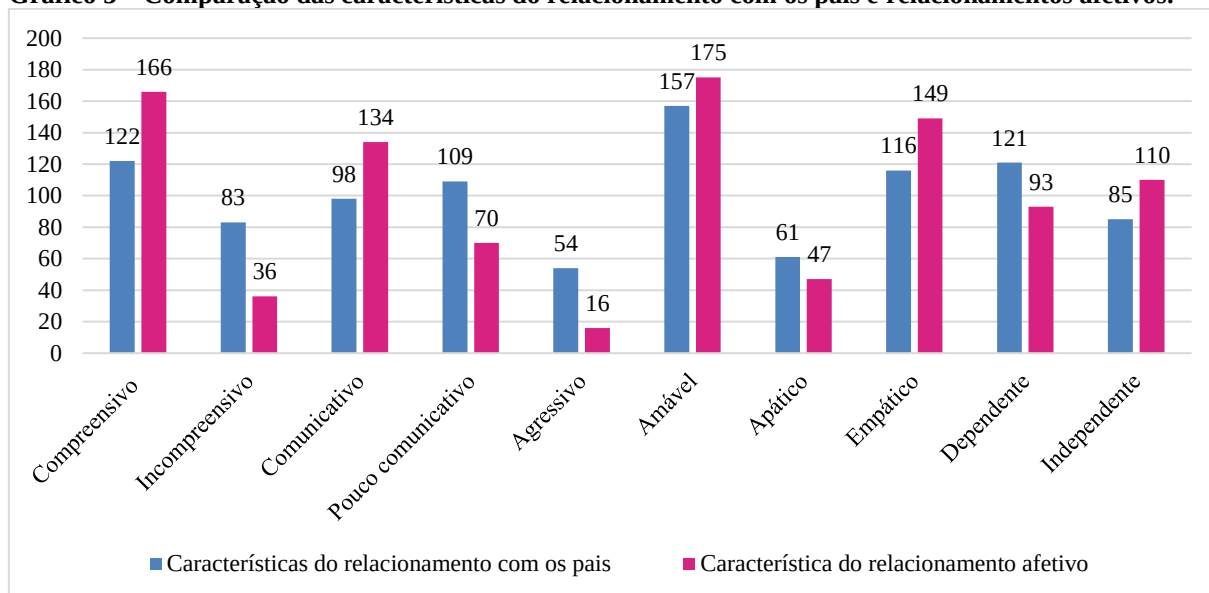


Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, em relação a análise do Gráfico 2, entende-se que as participantes avaliaram o relacionamento afetivo, em comparação ao relacionamento com os pais, como mais afetivo (183) e amigável (187), já as variáveis: “hostil” (54) e “conflituoso” (92) se mostraram mais acentuadas no relacionamento dos pais. Além disso, não houve discrepância no que se refere à estabilidade e instabilidade, no entanto, é possível observar que as respondentes avaliam que ambos os relacionamentos (afetivo e com os pais) são estáveis (144 e 140 respectivamente).

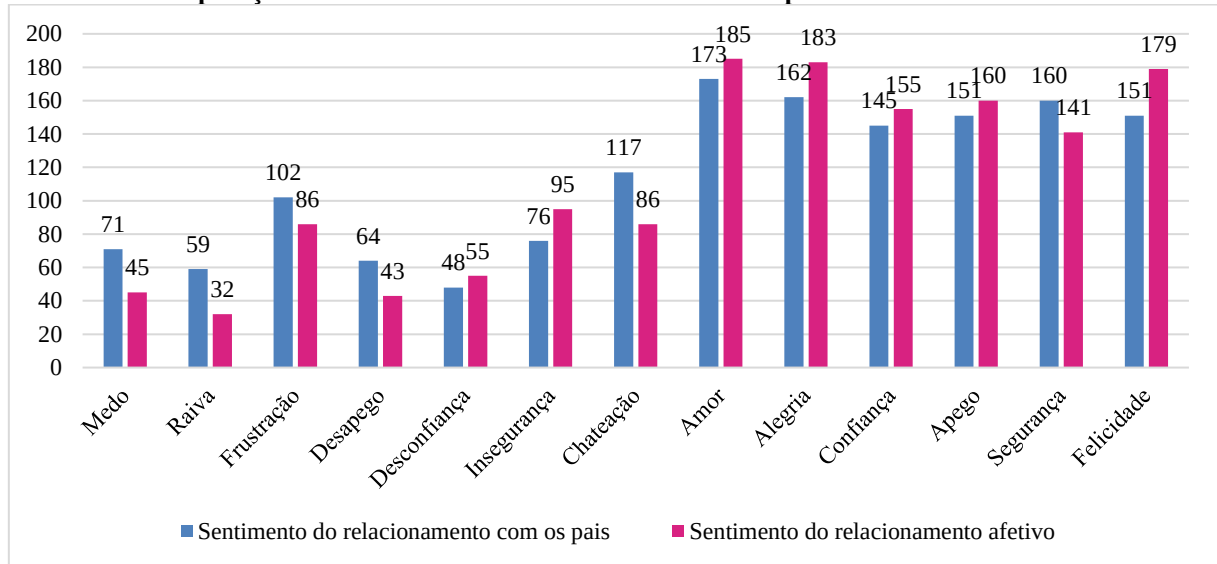
No Gráfico 3, observa-se que as variáveis: compreensivo (166), comunicativo (134), amável (175), empático (149), independente (110) foram mais bem avaliadas em relação ao relacionamento afetivo. Em contrapartida, o relacionamento com os pais mostra-se avaliado mais intensamente como incompreensivo (83), pouco comunicativo (109), agressivo (54), apático (61) e dependente (121).

Gráfico 3 – Comparação das características do relacionamento com os pais e relacionamentos afetivos.



Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 4 apresenta os sentimentos predominantemente ativados no âmbito dos relacionamentos familiares e afetivos. Ela indica que uma predominância de sentimentos agradáveis como alegria, felicidade, confiança, segurança e amor, tanto nos relacionamentos familiares como afetivos. Já sentimentos desagradáveis como medo, raiva, frustração e desconfiança foram apontados em menor frequência de modo geral, mas ligeiramente em níveis mais elevados nos relacionamentos familiares.

Gráfico 4 – Comparação dos sentimentos no relacionamento com os pais e relacionamentos afetivos.

Fonte: Dados da pesquisa.

5.3 Comportamento e sentimentos no âmbito dos relacionamentos afetivos

Na Tabela 3, constam os comportamentos e sentimentos no âmbito dos relacionamentos.

Tabela 3 – Comportamentos e sentimentos das participantes da pesquisa em relação ao(a) parceiro (a).

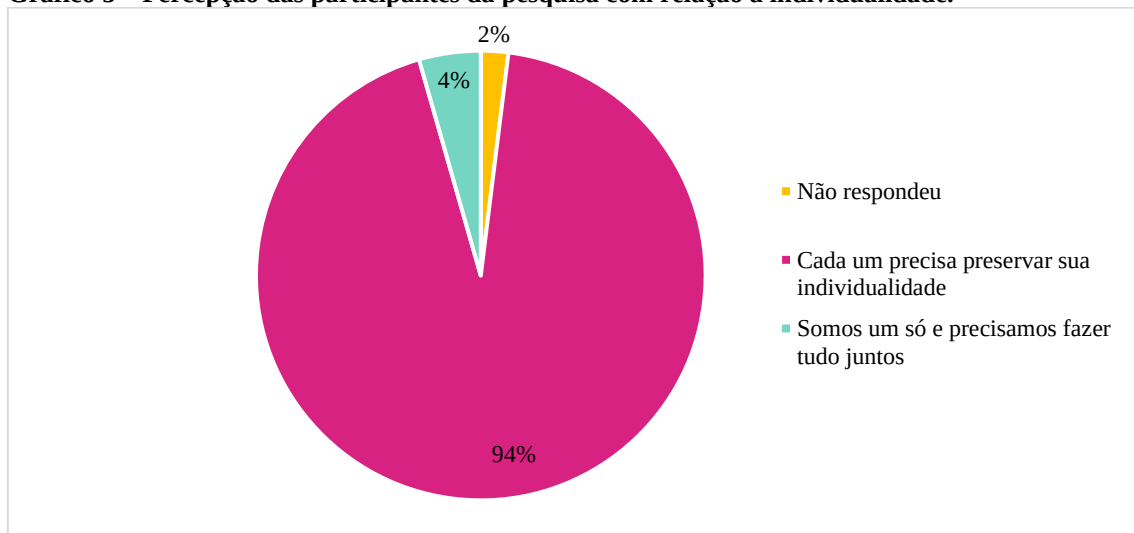
Variável	Frequência	Porcentagem
Tem necessidade de saber onde o parceiro está		
Não respondeu	1	0,5
Às vezes	62	30,5
Não	119	58,6
Sim	21	10,3
Solicita compartilhamento de senhas		
Não respondeu	1	0,5
Às vezes	16	7,9
Não	171	84,2
Sim	15	7,4
Solicita/espera que parceiro responda de imediato via rede social		
Não respondeu	1	0,5
Às vezes	57	28,1
Não	125	61,6
Sim	20	9,9
Quando distante se preocupa com o que o parceiro faz		
Não respondeu	2	1,0
Às vezes	73	36,0
Não	100	49,3
Sim	28	13,8

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que a maioria das participantes não têm necessidade de saber onde o parceiro está a todo momento (58,6%), no entanto, 30,5% ressaltam que às vezes necessitam. Além disso, nota-se que não solicitam o compartilhamento de senhas (84,2%), não esperam que o parceiro responda suas mensagens via rede social de maneira imediata (61,6%) e nem se preocupam com que o parceiro faz quando distante (49,3%).

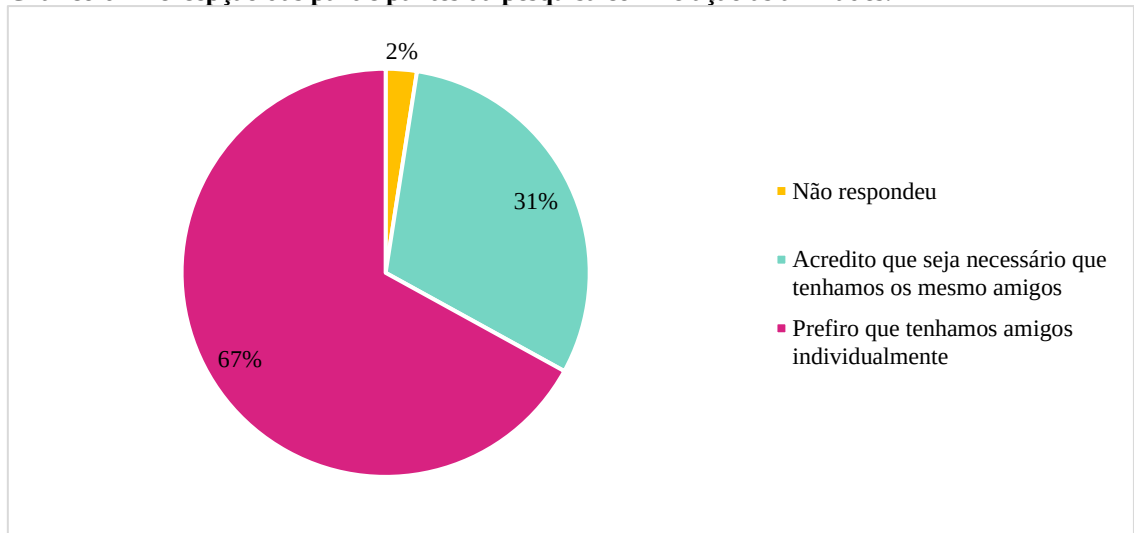
No Gráfico 5, observa-se que as respondentes acreditam que cada um precisa preservar sua individualidade (94%). Já o Gráfico 6 resalta que as participantes preferem ter amigos separadamente (67%), no entanto, uma porcentagem acredita que seja necessário compartilhar dos mesmos amigos (31%).

Gráfico 5 – Percepção das participantes da pesquisa com relação à individualidade.



Fonte: Dados da pesquisa.

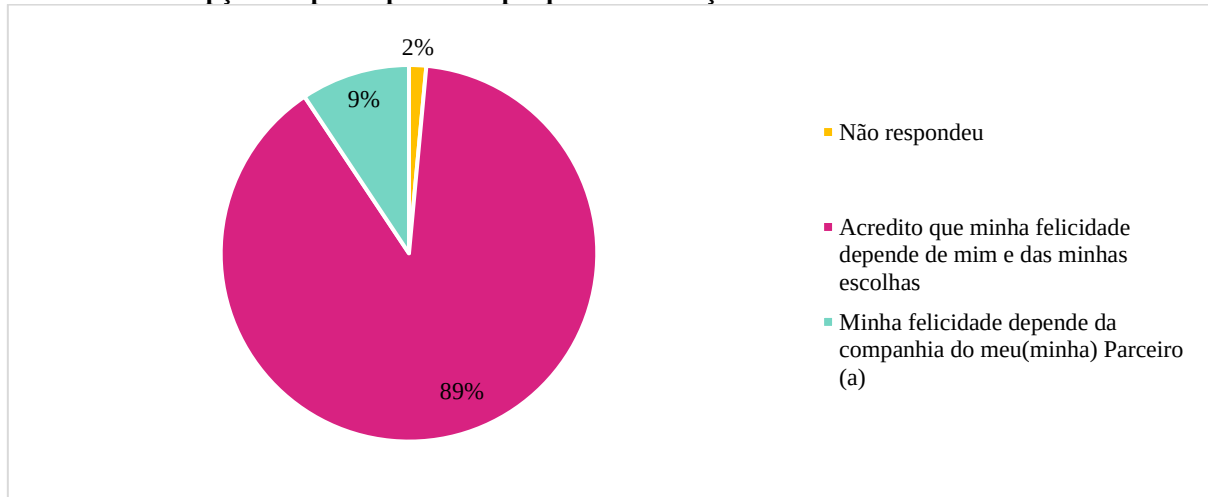
Gráfico 6 – Percepção das participantes da pesquisa com relação às amizades.



Fonte: Dados da pesquisa.

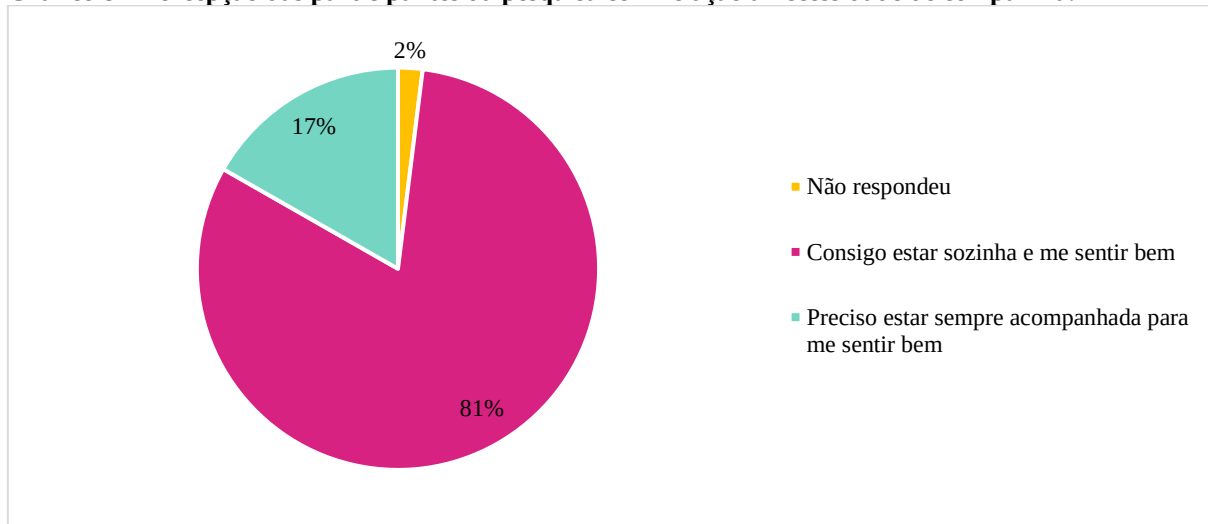
Compreende-se no Gráfico 7 que a maior parte das respondentes acredita que sua felicidade depende somente de si e de suas escolhas (89%). No que se refere ao Gráfico 8, é possível compreender que a maior parte das participantes consegue estar sozinha e se sentir bem (81%).

Gráfico 7 – Percepção das participantes da pesquisa com relação à felicidade.



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 8 – Percepção das participantes da pesquisa com relação à necessidade de companhia.



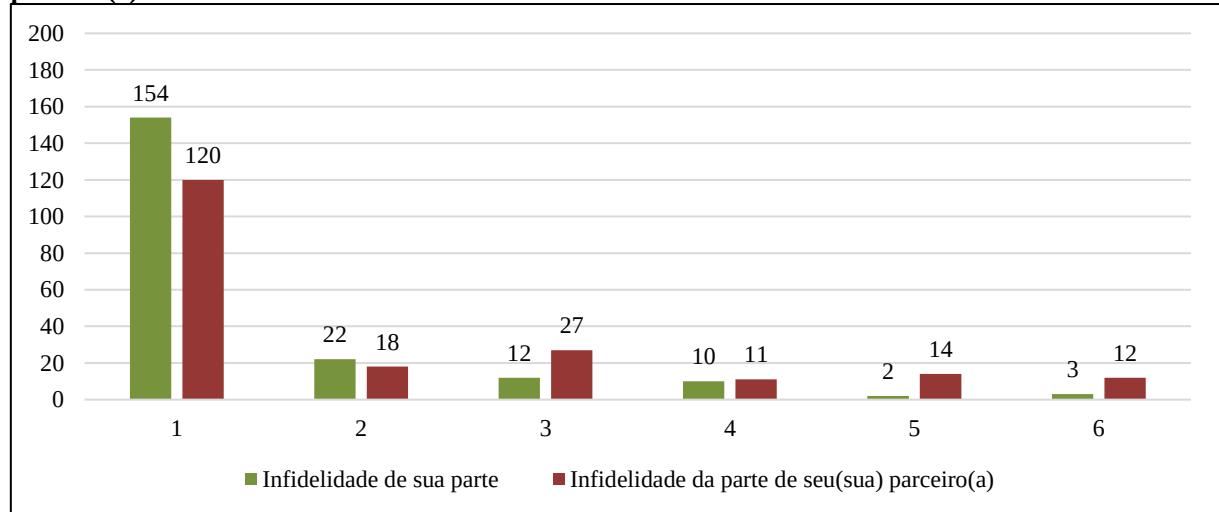
Fonte: Dados da pesquisa.

5.4 Dificuldades nos relacionamentos afetivos

No Gráfico 9 pode ser observado um gráfico relacionado ao nível de infidelidade no relacionamento, obtendo no questionário um total de respostas consideráveis em grau 3 e 4, obtendo 12 respostas para as participantes e 27 para seus(suas) parceiros(as) em grau 3, e 10

respostas para as participantes e 11 para seus(suas) parceiros(as). Além disso, é possível elencar uma quantidade de respostas significativa em 5 e 6 quando se trata dos(das) parceiros(as), obtendo consecutivamente, 14 e 12 respostas.

Gráfico 9 – Avaliação subjetiva das participantes em relação à infidelidade por sua parte e por parte do(a) parceiro(a).

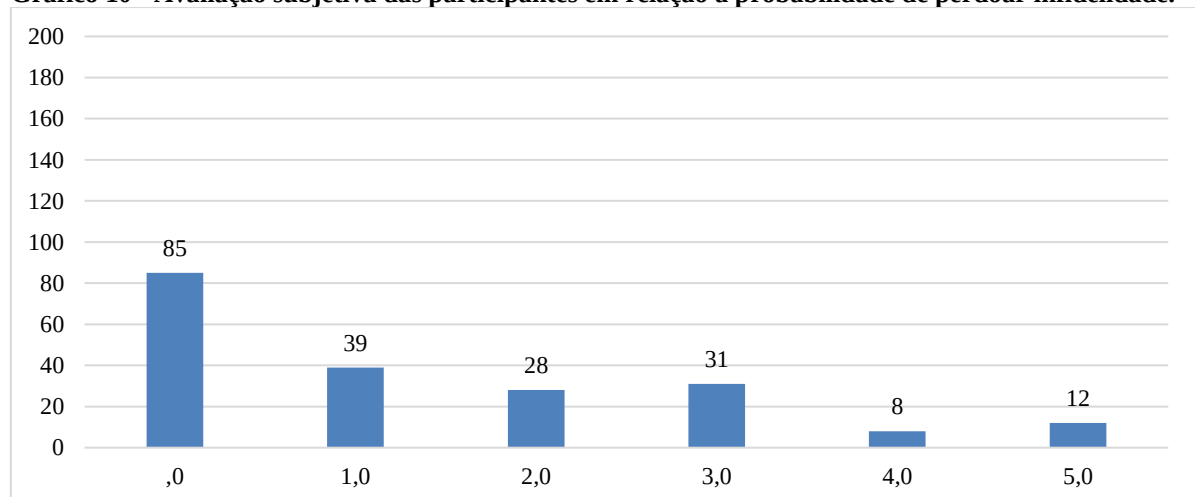


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na coleta de dados que pode ser interpretada no Gráfico 10, sobre a probabilidade de perdoar a infidelidade, pode-se analisar um total de 12 respostas na probabilidade máxima de perdão e 31 respostas no grau “3” do questionário em relação as participantes perdoarem esse tipo de traição.

Gráfico 10 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à probabilidade de perdoar infidelidade.

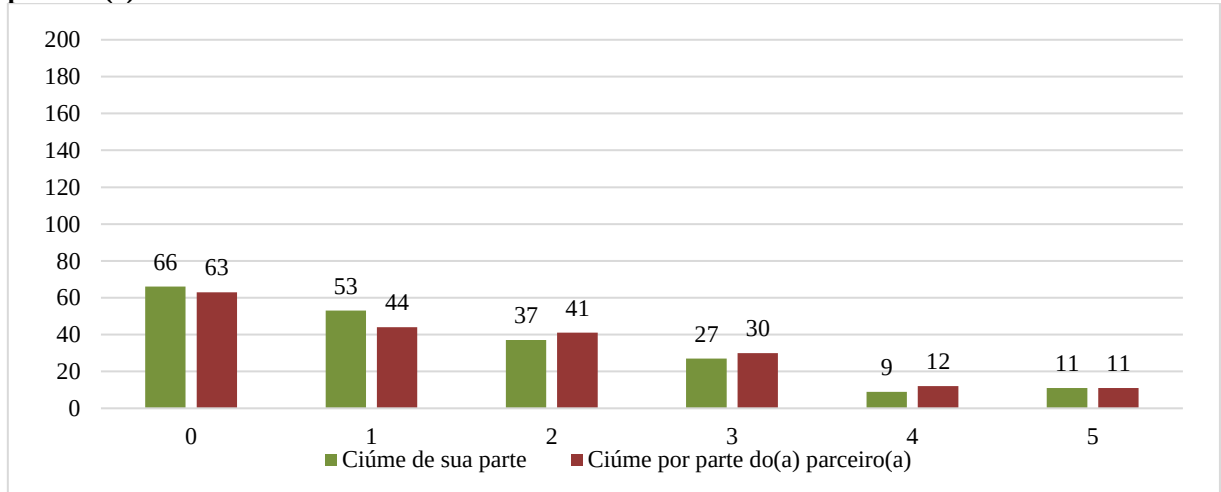


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na questão sobre ciúme no relacionamento, foi possível obter um total de 11 respostas em grau máximo no questionário de probabilidade da parte da participante e do(a) parceiro(a), além de respostas consideráveis em grau “2” e “3”, podendo ser analisado no Gráfico 11, logo abaixo.

Gráfico 11 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à ciúme de sua parte e por parte do(a) parceiro(a).

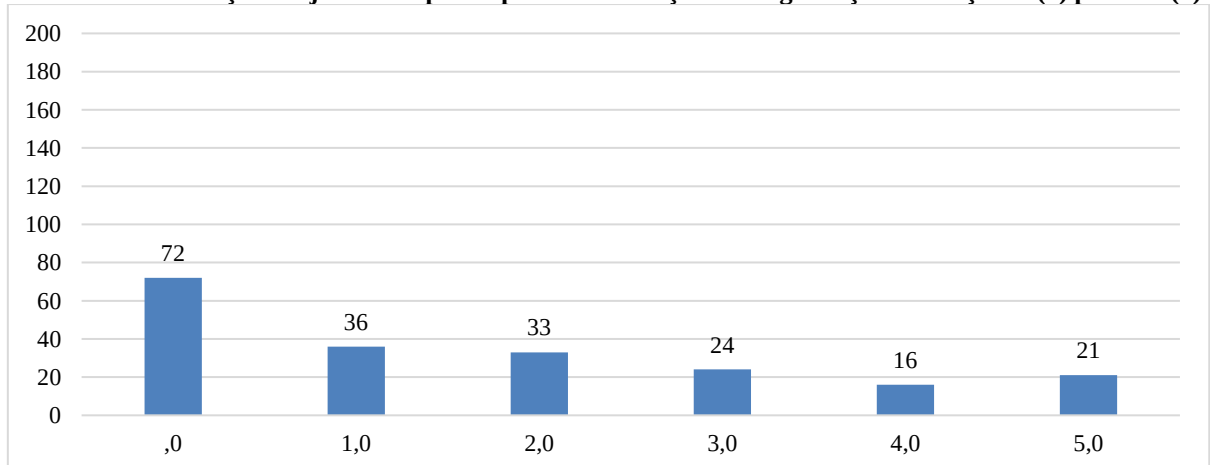


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

A seguir, pode-se compreender o Gráfico 12 que mede a insegurança em relação ao(a) parceiro(a). As mulheres atingiram um total de 21 respostas na probabilidade máxima e 24 respostas de probabilidade no grau “3”.

Gráfico 12 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à Insegurança em relação ao(a) parceiro(a).

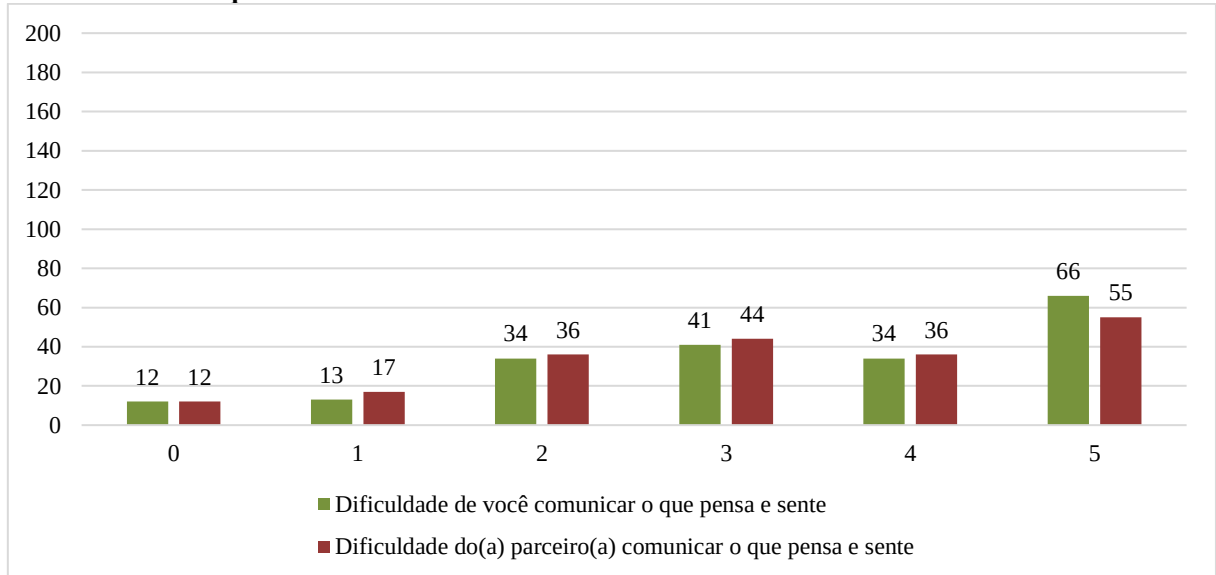


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito a “dificuldade de comunicar o que pensa e sente, a pesquisa foi capaz de obter maiores respostas em “extremamente”, com o total de 66 respostas por parte da participante e 55 por parte do(a) parceiro(a), coleta analisada no Gráfico 13.

Gráfico 13 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à sua dificuldade e a de seu(sua) parceiro(a) de comunicarem o que sentem.

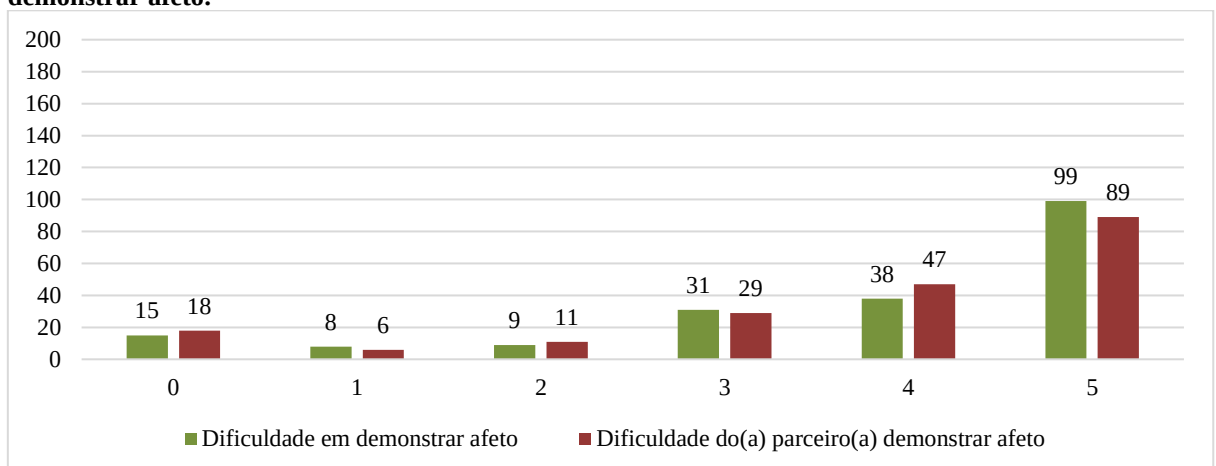


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 14, a seguir, que se relaciona a “dificuldade de demonstrar afeto no relacionamento”, observaram-se 99 respostas com alta probabilidade da parte das participantes e 89 respostas para a probabilidade do(a) parceiro(a) ter dificuldade em demonstrar afeto.

Gráfico 14 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à sua dificuldade e a do(a) parceiro(a) em demonstrar afeto.

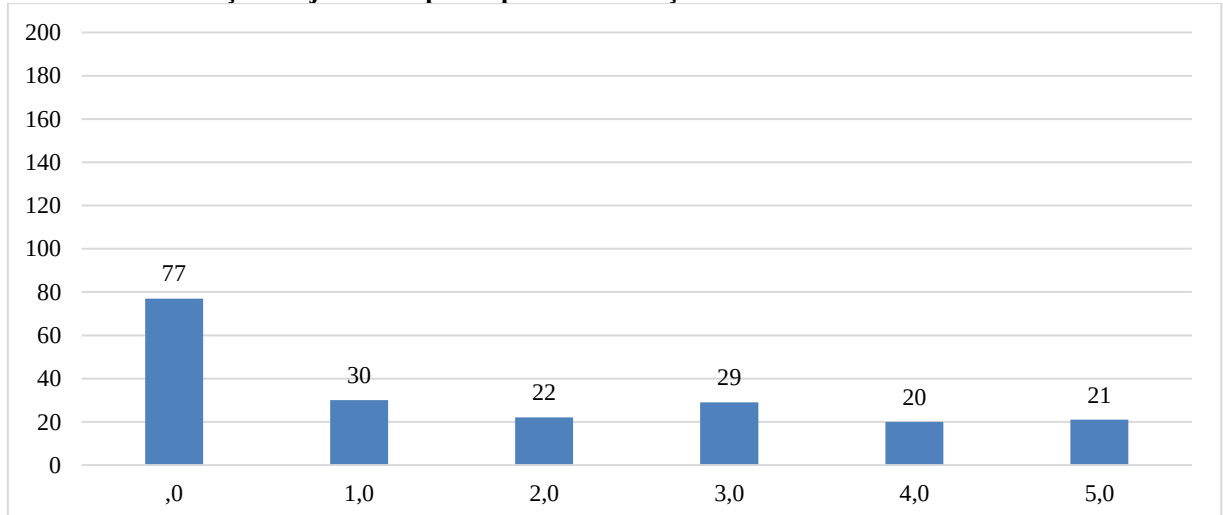


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em dificuldades em receber afeto, o Gráfico 15 mostra maior ênfase nas respostas moderadas à altas, com os níveis 3, 4 e 5, obtendo ao total consecutivamente, 29, 20 e 21 respostas relacionadas ao tema.

Gráfico 15 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade em receber afeto.

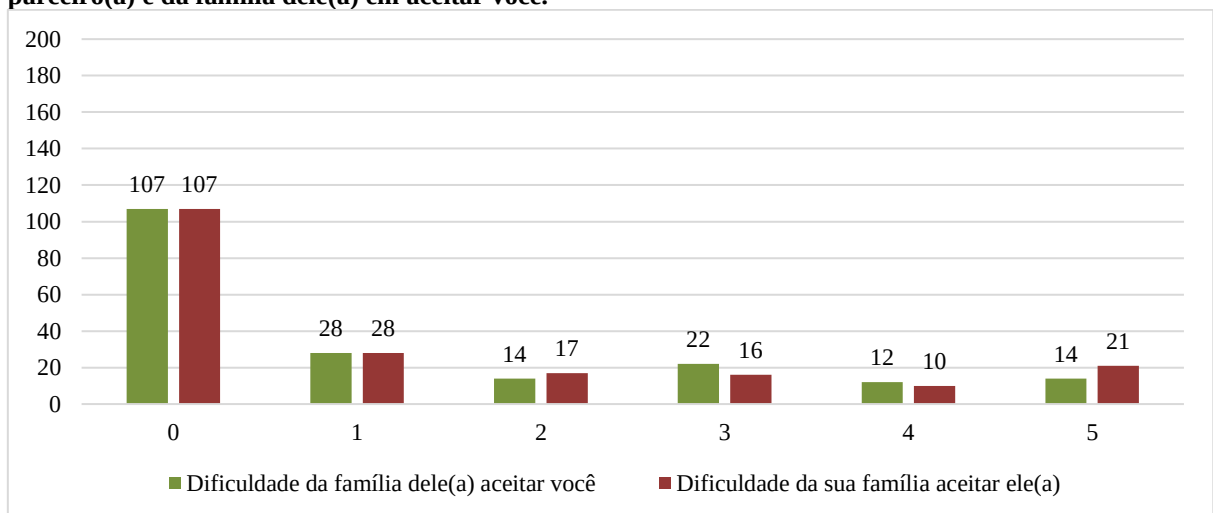


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 16, a respeito da dificuldade de aceitação do relacionamento, encontra-se 22 respostas de moderada dificuldade (nível 3) da família dele(a) aceitar a participante e 16 respostas sobre a família da participante aceitar o(a) parceiro(a).

Gráfico 16 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade da sua família aceitar seu(sua) parceiro(a) e da família dele(a) em aceitar você.

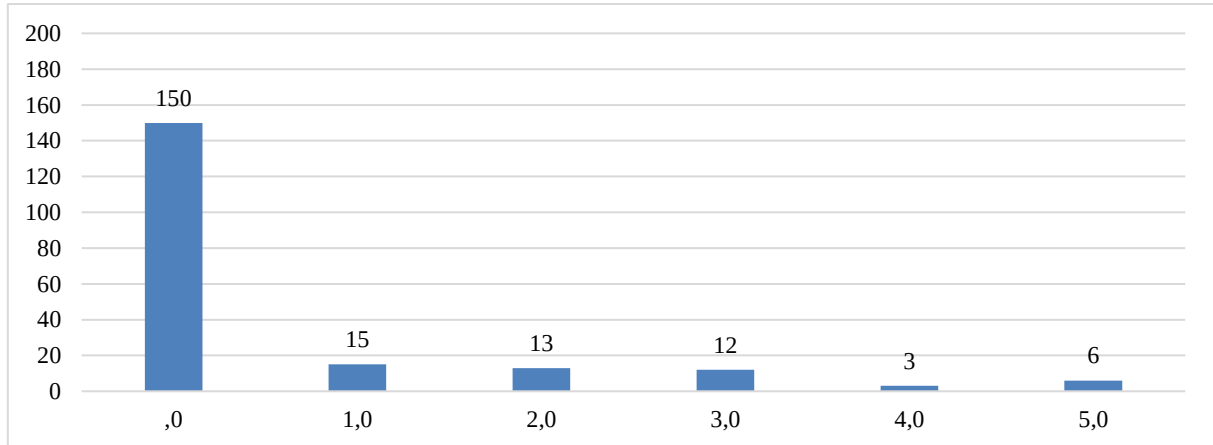


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No que se entende por dificuldade dos seus amigos aceitarem o relacionamento, o Gráfico 17 nos leva a observar uma pontuação significativa em grau 2 e 3 de medir a dificuldade pelo questionário, levantando 13 e 12 respostas.

Gráfico 17 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade dos seus amigos aceitarem o relacionamento.

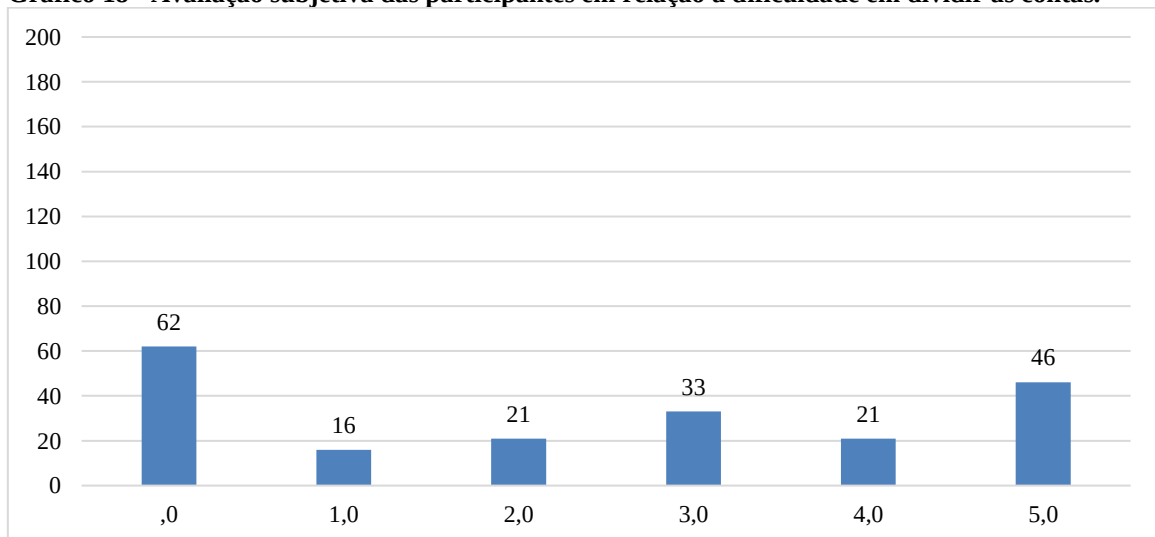


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 18, o gráfico mostra que 46 participantes das participantes responderam ter extrema dificuldade de dividir contas e 33 delas expressaram dificuldade moderada (nível 3).

Gráfico 18 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade em dividir as contas.

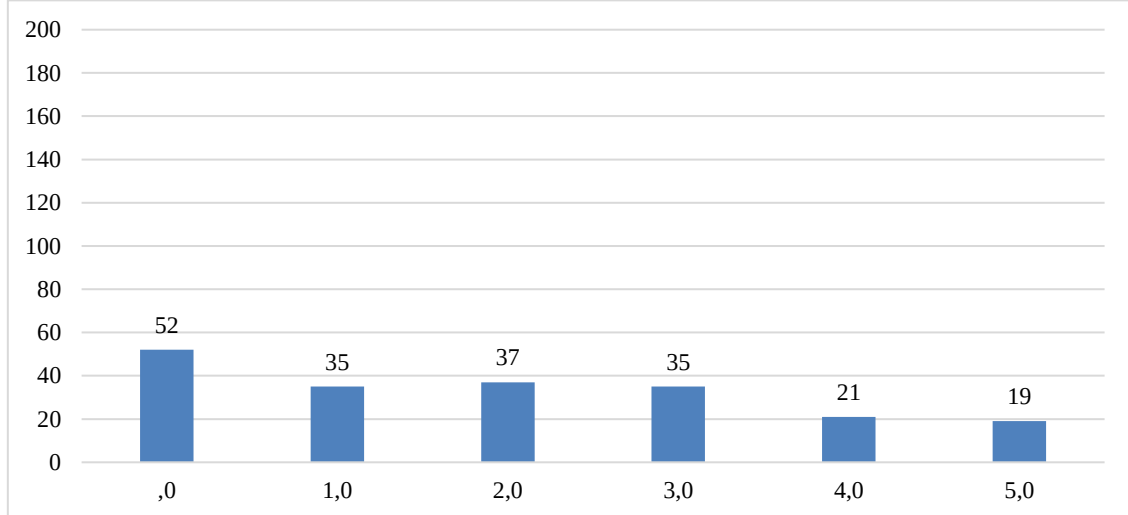


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação a dificuldade de valores e objetivos para vida, no Gráfico 19, obteve-se os dados 35 de respostas no grau 3, 21 respostas em grau 4 e 19 em grau cinco nas respostas do questionário.

Gráfico 19 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade de valores e objetivos para vida.

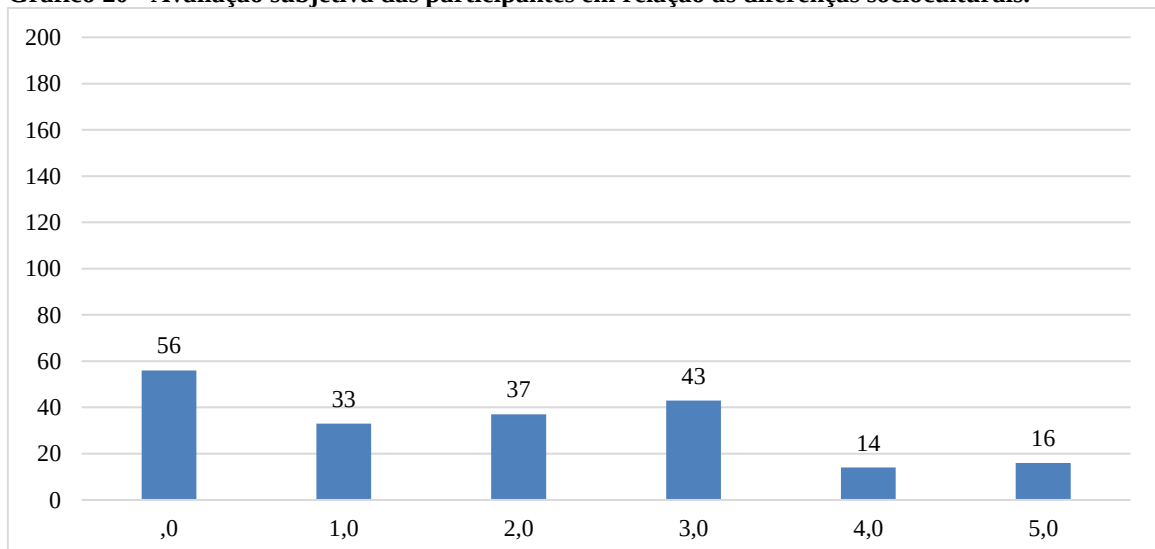


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

As respostas obtidas no que diz respeito a diferenças socioculturais podem ser analisadas no Gráfico 20. Nota-se que as respostas moderadas de dificuldade foram mais prevalentes (nível 2= 37 e 3= 43). No nível extremo de dificuldades nas diferenças socioculturais no relacionamento, foi obtido 16 respostas.

Gráfico 20 - Avaliação subjetiva das participantes em relação às diferenças socioculturais.

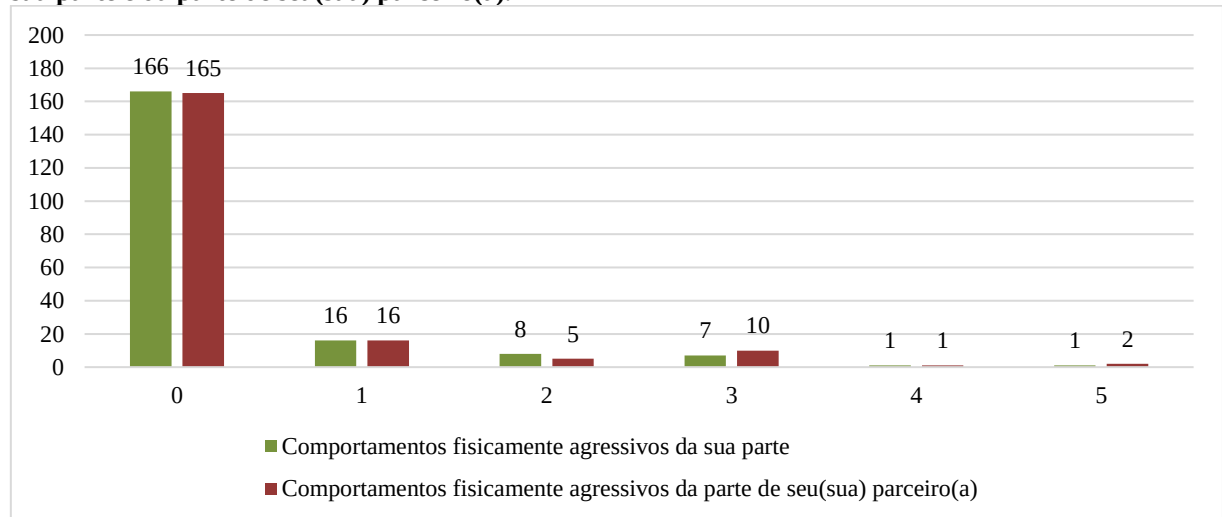


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 21, a pontuação para comportamentos fisicamente agressivos no relacionamento, indica em níveis moderados (níveis 2 e 3), 15 respostas de probabilidade por parte da participante e 15 respostas para a probabilidade de comportamentos fisicamente agressivos por parte do(a) parceiro(a).

Gráfico 21 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à comportamentos fisicamente agressivos da sua parte e da parte de seu(sua) parceiro(a).

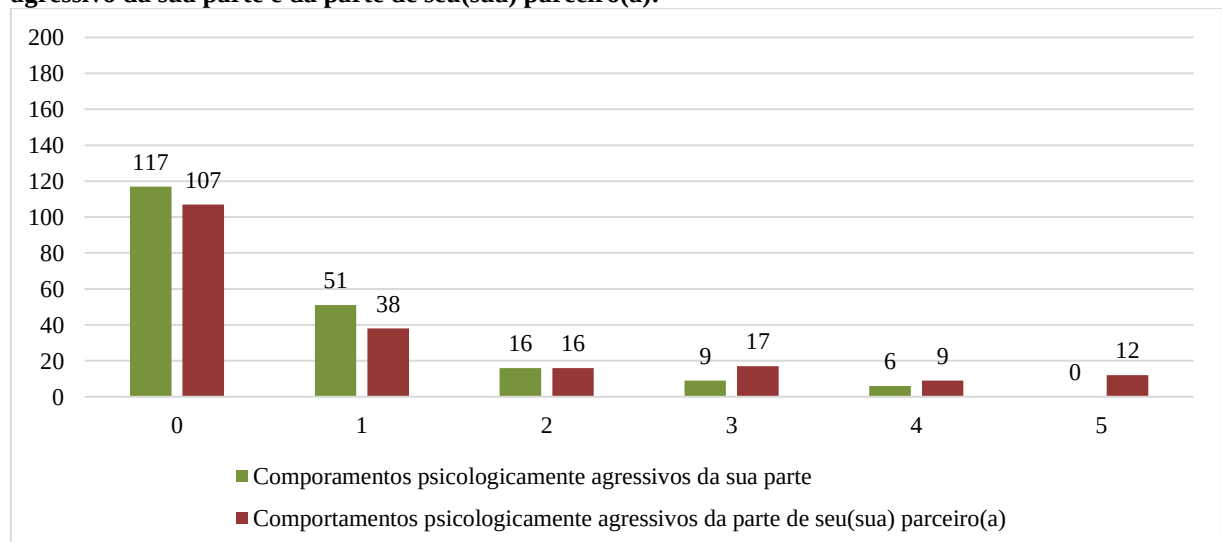


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados relacionados aos comportamentos psicologicamente agressivos no relacionamento, encontram-se no Gráfico 22, onde a pesquisa alcançou porcentagem significativa em grau 2, obtendo 16 respostas para as participantes e 16 de respostas para os(as) parceiros(as).

Gráfico 22 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à Comportamentos psicologicamente agressivo da sua parte e da parte de seu(sua) parceiro(a).

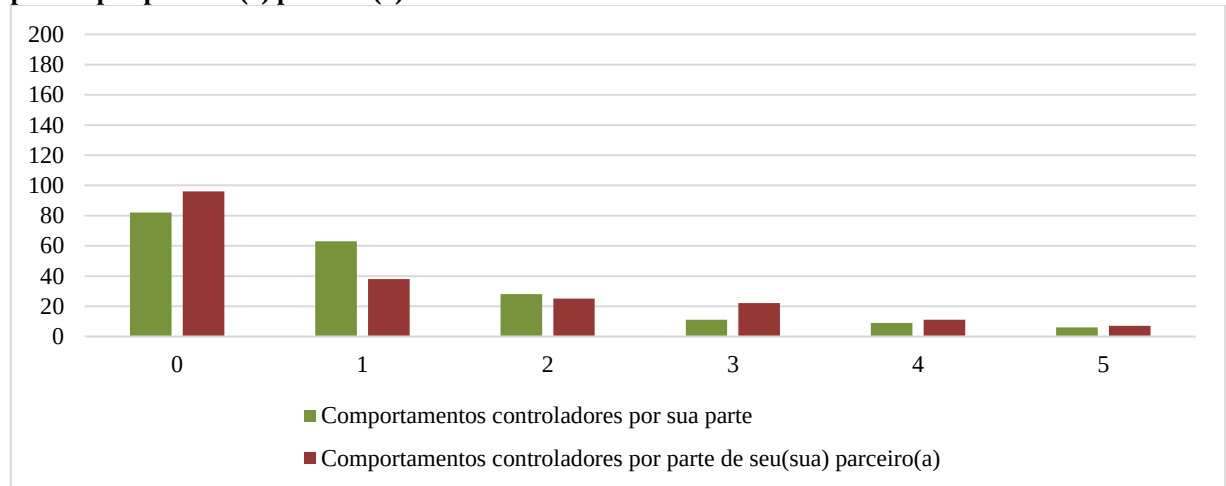


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação aos comportamentos controladores no relacionamento, o Gráfico 23 elucida que em nível 3 as participantes atingiram um marco de 28 respostas e os(as) parceiros(as) atingiram 25 respostas. Além disso, em grau 4 encontram-se 11 respostas das participantes e 22 de seus(suas) parceiros(as).

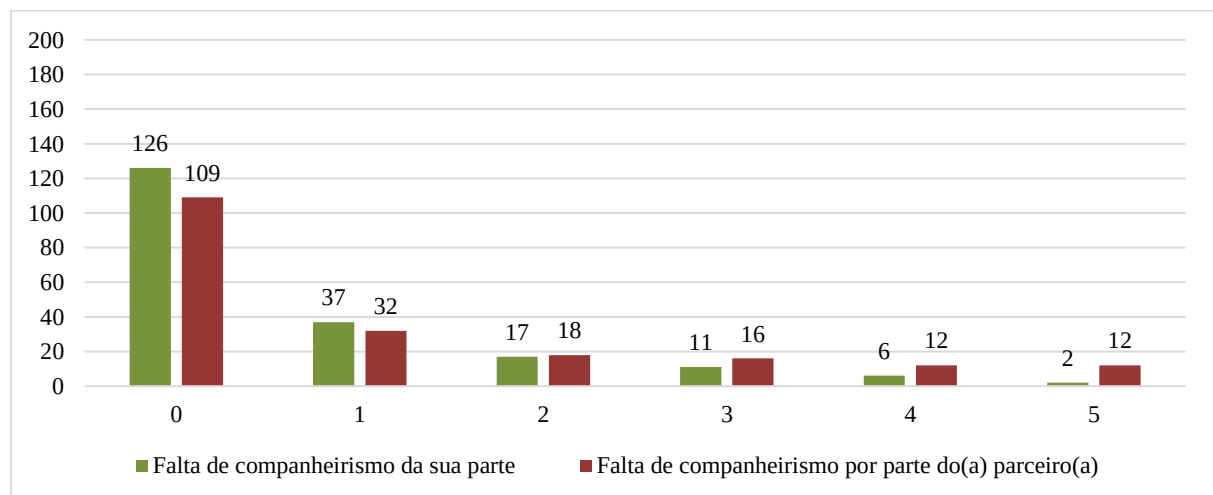
Gráfico 23 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à comportamentos controladores por sua parte e por parte do(a) parceiro(a).



Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.
Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 24, nota-se respostas que apresentam boa avaliação com relação ao companheirismo (nível 1) tanto da participante quando do parceiro. Além disso, somando-se as avaliações moderadas (níveis 2 e 3), foi possível obter 28 respostas de falta de companheirismo delas e 34 de seus (suas) companheiros (as).

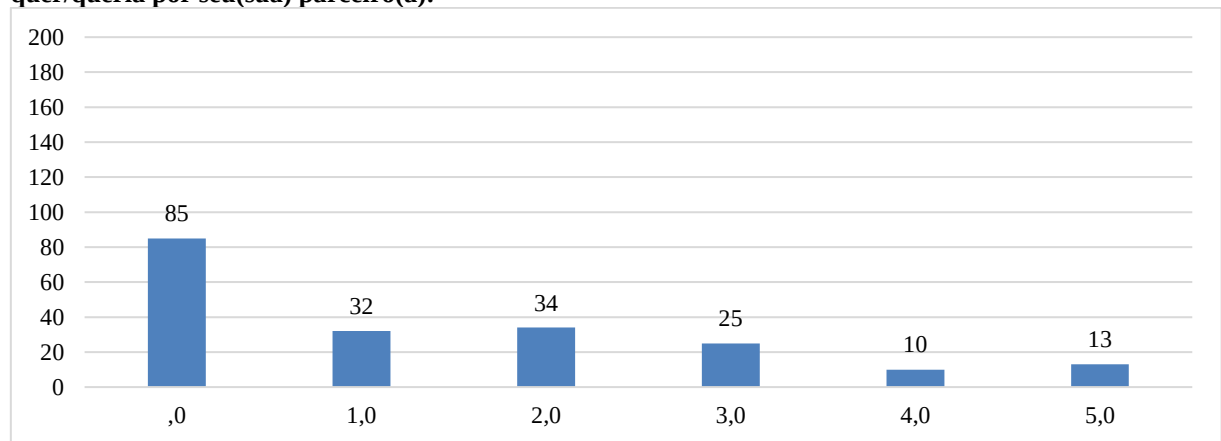
Gráfico 24 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à falta de companheirismo do(a) parceiro(a).



Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.
Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 25, a questão relacionada a ser “pressionada a fazer algo que não quer/queria por seu(sua) parceiro(a)”, o gráfico obtém um total de 34 respostas em grau 2 e 25 respostas em grau 3.

Gráfico 25 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à se sentir pressionada a fazer algo que não quer/queria por seu(sua) parceiro(a).

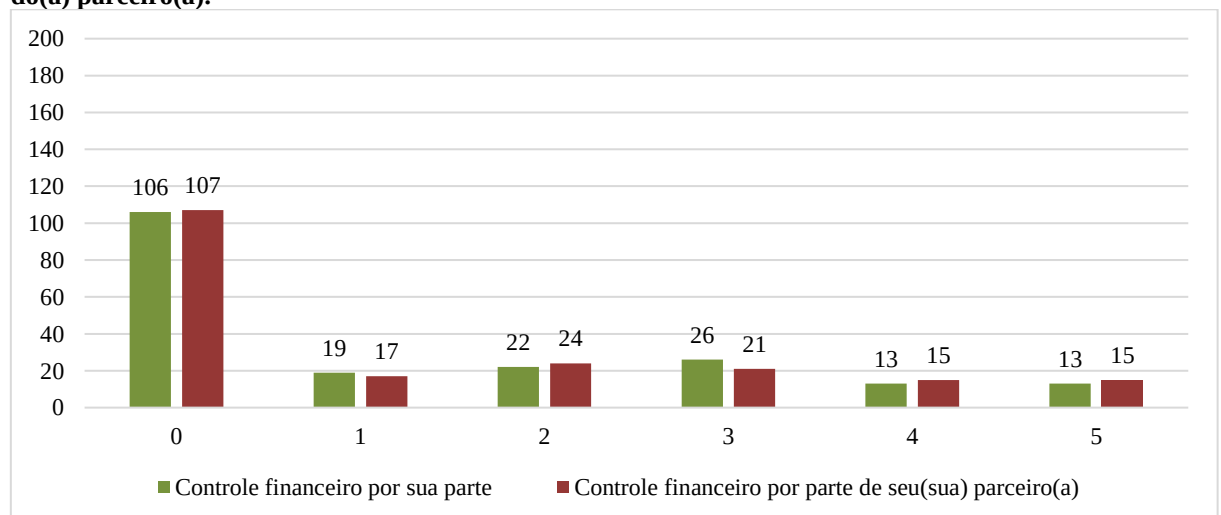


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No controle financeiro no relacionamento, o Gráfico 26 mostra que as participantes da pesquisa responderam majoritariamente em níveis 2 e 3 mais significativamente, sendo em 2, 22 respostas para as participantes e 24 respostas para seus(suas) parceiros(as) e em 3, 26 respostas para as participantes e 21 para os(as) parceiros(as).

Gráfico 26 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à controle financeiro de sua parte e da parte do(a) parceiro(a).

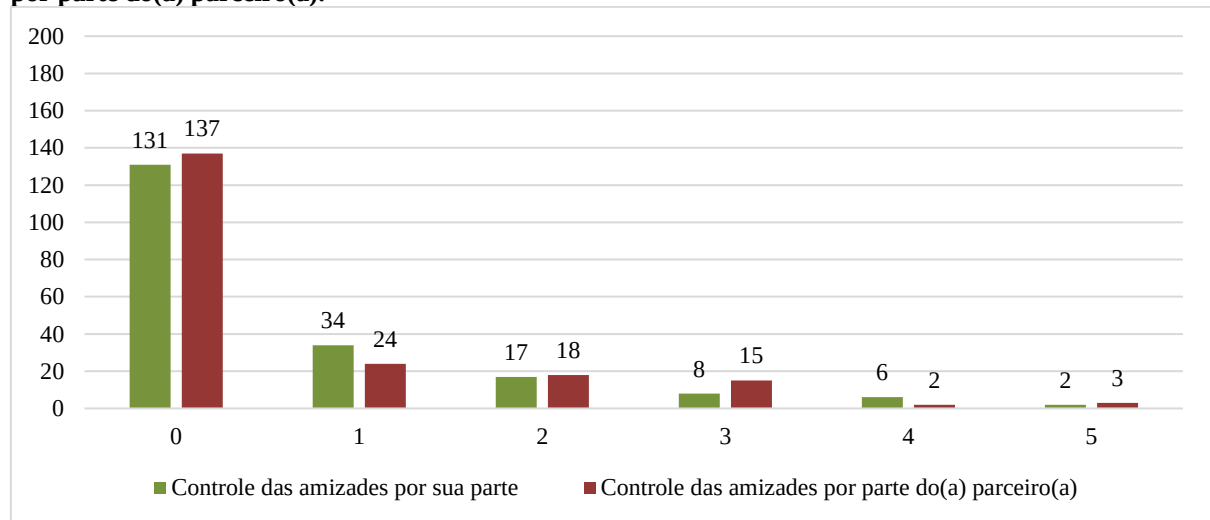


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No quesito “controle de suas amizades no relacionamento” (Gráfico 27), houve maior número de respostas de avaliação moderada (níveis 2 e 3), obtendo-se 28 respostas para o controle delas e 33 de seus (suas) companheiros (as).

Gráfico 27 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à controle de suas amizades por sua parte e por parte do(a) parceiro(a).

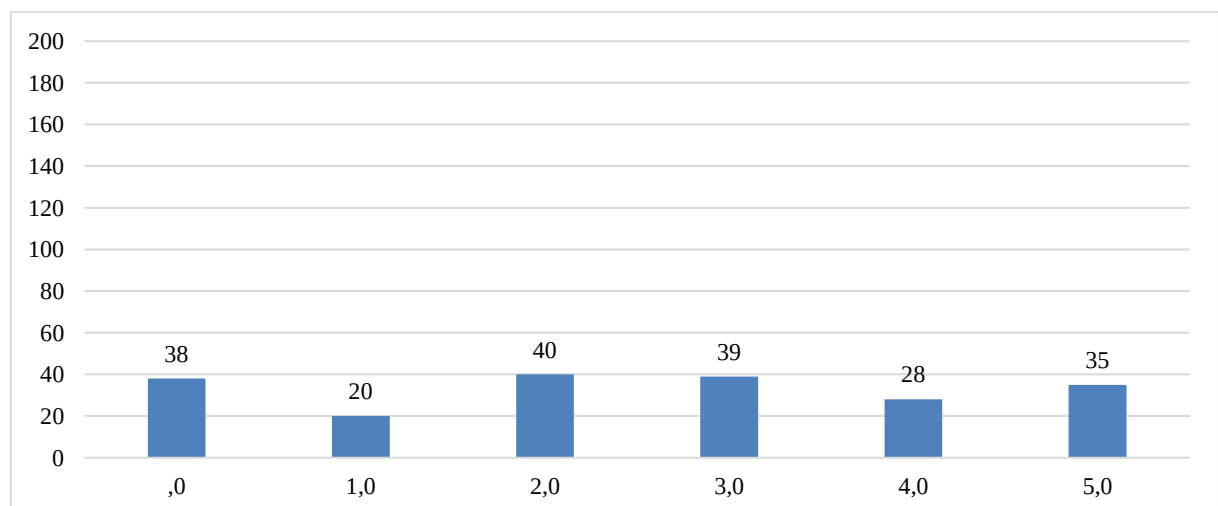


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito ao medo de ser abandonada pelo(a) parceiro(a) (Gráfico 28), observam-se respostas que se distribuem mais proximamente, com destaque para 35 respostas de medo extremo e 79 respostas nos níveis intermediários (2 e 3).

Gráfico 28 - Avaliação subjetiva das participantes em relação ao medo de ser abandonada pelo(a) parceiro(a).

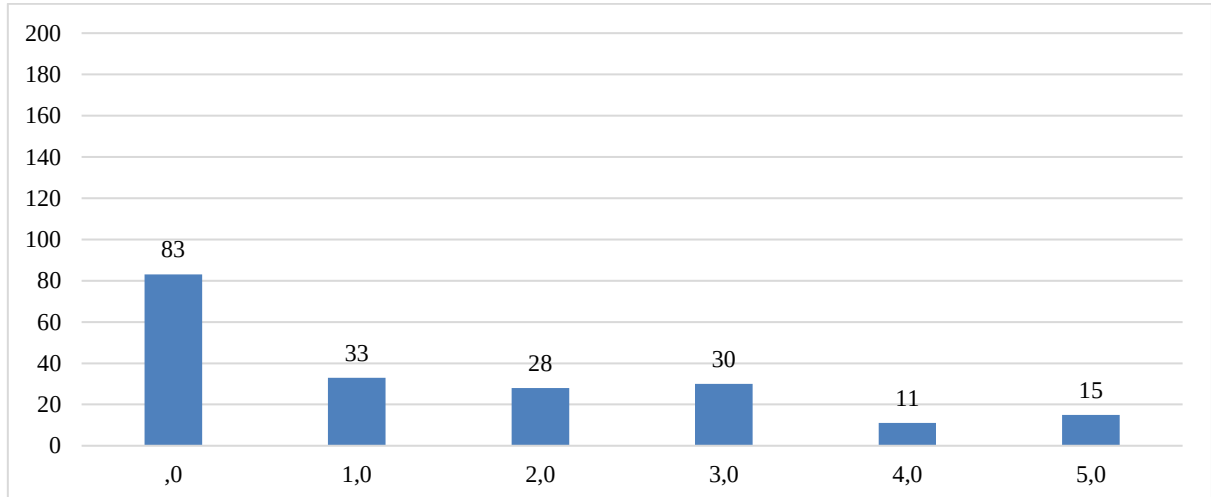


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na questão relacionada a facilidade de engatar um novo relacionamento, os índices de resposta mostram-se altos em “2” e “3”, em um total de 28 respostas em 2 e 30 respostas em 3 (Gráfico 29).

Gráfico 29 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à facilidade em engatar um novo relacionamento.

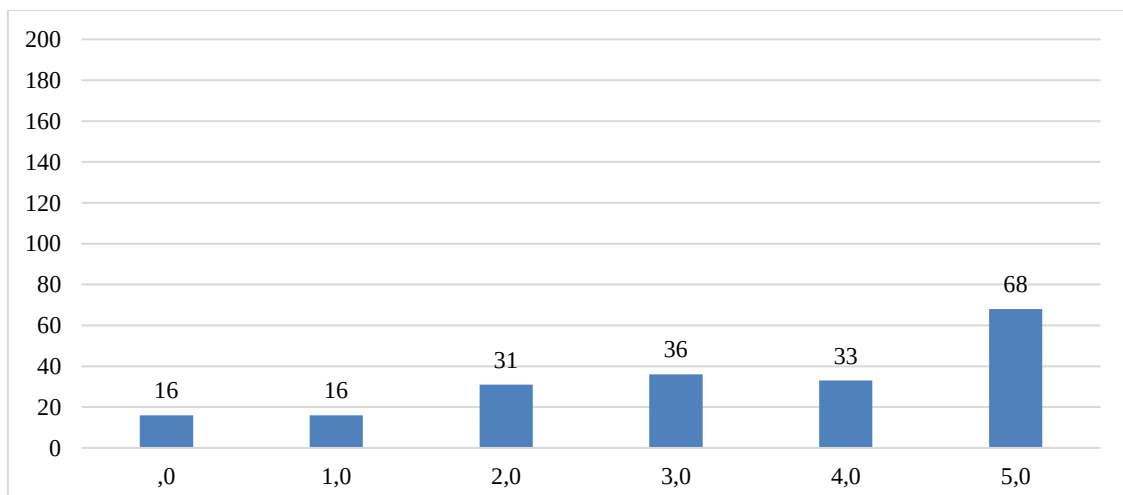


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 30, encontra-se o gráfico referente ao Apego aos seus(suas) parceiros(as), onde houve maiores respostas das participantes no maior grau do questionário, o item 5, com um total de 68 respostas. No extremo oposto, encontram-se 16 participantes que referiram nenhum apego.

Gráfico 30 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à apego aos seus(suas) parceiros(as).

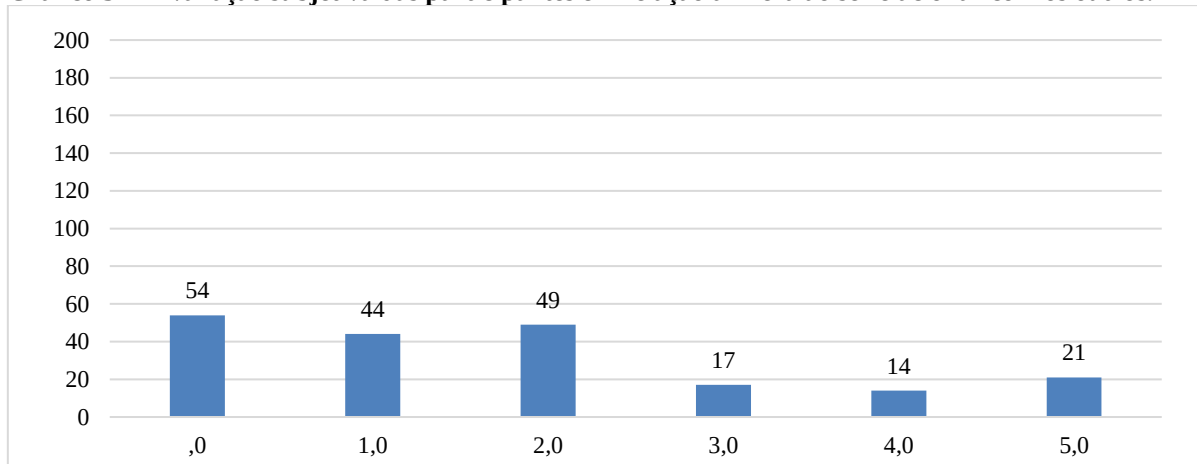


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No que pode ser compreendido em relação a frieza ao se relacionar com os outros, os dados obtidos pela pesquisa indicam 49 respostas em “2” e 21 respostas no item “5” (Gráfico 31).

Gráfico 31 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à frieza ao se relacionar com os outros.

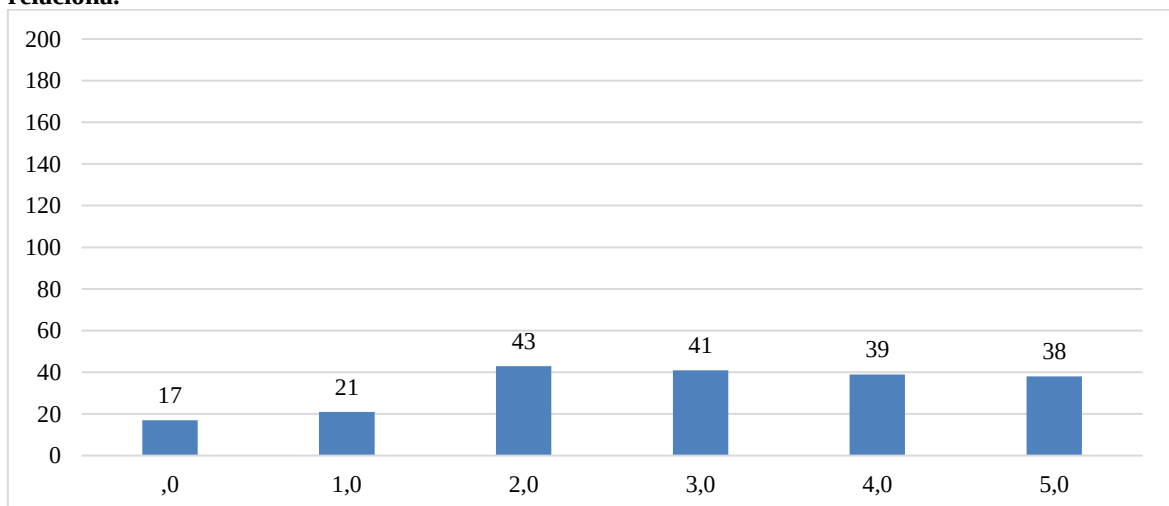


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 32, encontra-se no gráfico os dados relacionados a confiança nas pessoas com que se relaciona, podendo ser interpretadas respostas bastante semelhantes, sendo 43 respostas em “2” e 41 respostas em “3”, apesar de dados próximos em quase todas as alternativas, sendo menores em “0” e “1”.

Gráfico 32 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à confiança nas pessoas com quem se relaciona.

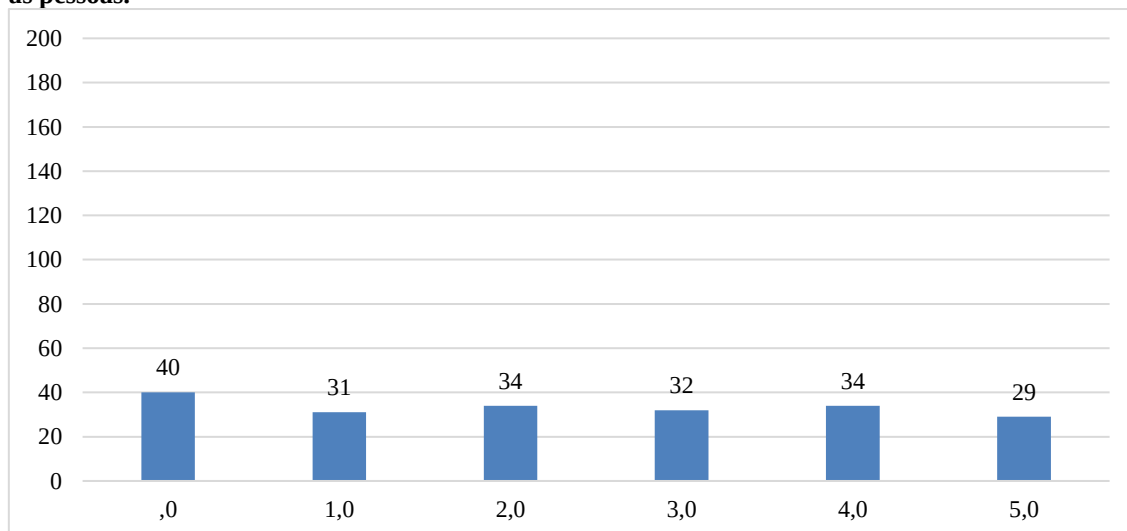


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No ponto sobre dificuldade de criar vínculos profundos com as pessoas, o Gráfico 33 mostra novamente bastante semelhança entre frequências de respostas das participantes, tendo em sua maioria assinalado “4” com 34 respostas e “5”, com 29 respostas ao todo.

Gráfico 33 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade de criar vínculos profundos com as pessoas.

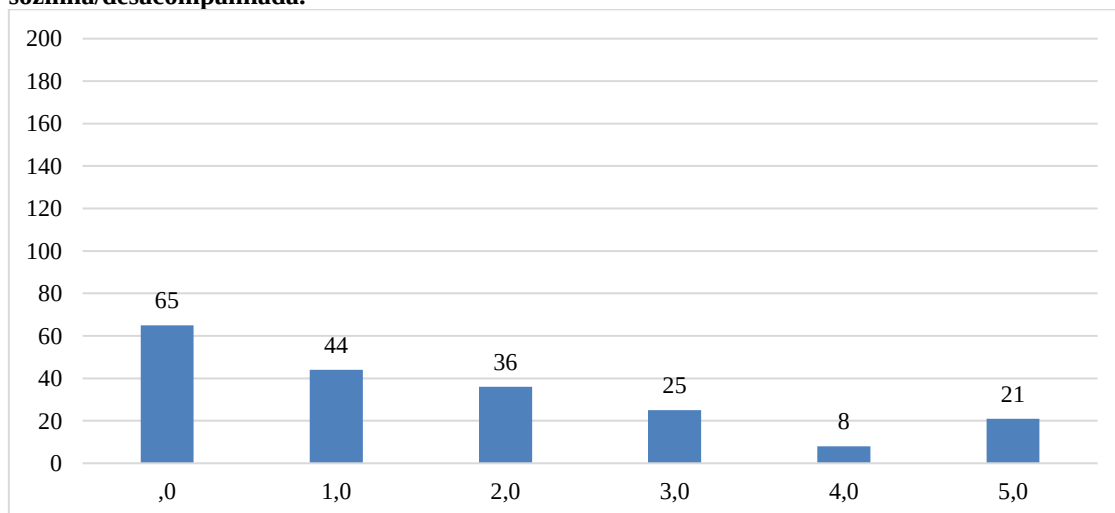


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à dificuldade de estar sozinha/desacompanhada, as mulheres que responderam à pesquisa levaram as pesquisadoras a observar um total de 36 respostas em “2” e 25 respostas em “3”, além de 21 respostas de dados como resposta em “5” (Gráfico 34).

Gráfico 34 - Avaliação subjetiva das participantes em relação à dificuldade de estar sozinha/desacompanhada.

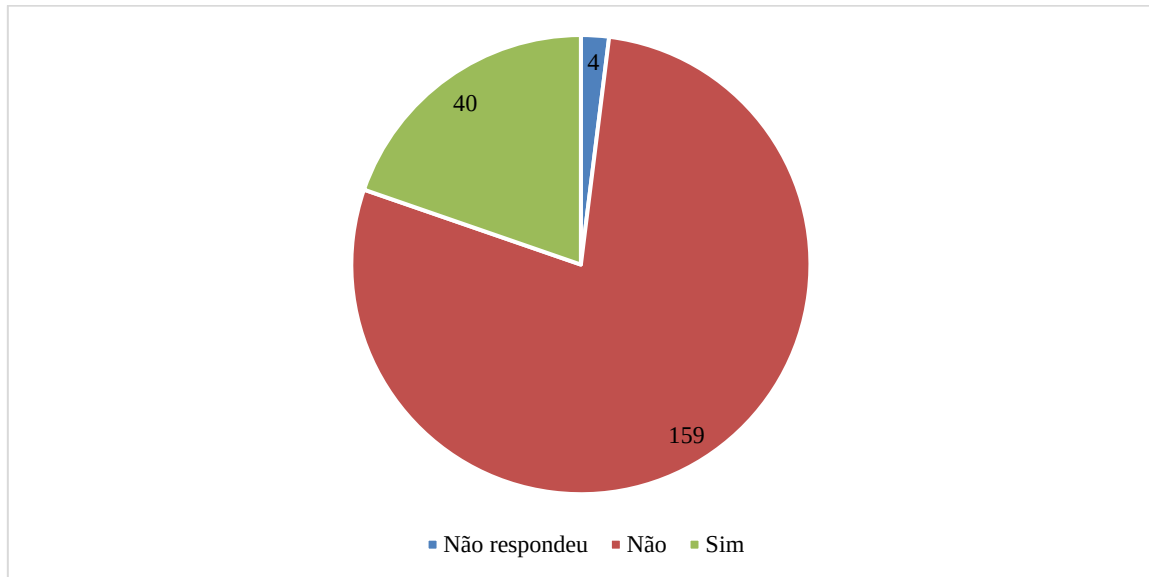


Legenda: 0- Nada. 5- Extremamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 35, é possível compreender pelos dados obtidos que a maioria das mulheres não acha comum engatar um relacionamento afetivo, elevando essa opção de resposta a um total de 159 respostas, em contrapartida com as que responderam de forma afirmativa e concordando com a questão levantada, atingiram ao todo, somente 40 respostas.

Gráfico 35 - Engatar em um relacionamento afetivo é comum para você?



Fonte: Dados da pesquisa.

5.5 Análise de correlação de variáveis de avaliação subjetiva

Para se avaliar a correlação dos dados, o teste de Spearman foi aplicado a todas as variáveis de avaliação subjetiva. Nas Tabelas 4 e 5, optou-se por descrever apenas as correlações que se mostraram moderadas ou fortes, excluindo-se as correlações fracas da apresentação dos dados.

Na Tabela 4 encontram-se os resultados obtidos para as variáveis de dificuldades nos relacionamentos. Ela sugere que quanto mais o(a) parceiro(a) se comporta agressivamente, mais tem comportamentos psicologicamente agressivos ($r=0,488$; $p=0,000$) e controladores ($r=0,319$; $p=0,000$). Além disso, comportamentos agressivos do(a) parceiro(a), também se associaram a maiores comportamentos agressivos da mulher ($r=0,438$; $p=0,000$).

Já com relação aos comportamentos psicologicamente agressivos do(a) parceiro(a), estes se associaram a mais comportamento controladores de sua parte ($r=0,643$; $p=0,000$), menor companheirismo ($r=0,416$; $p=0,000$) e a comportamentos das participantes da pesquisa de agressão psicológica ($r=0,689$; $p=0,000$) e comportamentos controladores ($r=0,451$; $p=0,000$) e a sentir-se pressionada a fazer o que não quer ($r=0,429$; $p=0,000$).

Tabela 4 – Correlação de Spearman obtida para as variáveis de avaliação subjetiva de dificuldades de relacionamento.

Variáveis	r	p
Comportamento fisicamente agressivo parceiro x comportamento agressivo dela	0,438	0,000
Comportamento fisicamente agressivo parceiro x comportamento psicologicamente agressivo parceiro (a)	0,488	0,000
Comportamento fisicamente agressivo parceiro x comportamentos controladores por parte do parceiro (a)	0,319	0,000
Comportamento fisicamente agressivo dela x comportamentos controladores dela	0,406	0,000
Comportamento fisicamente agressivo dela x comportamentos psicologicamente agressivos dela	0,466	0,000
Comportamento psicologicamente agressivo parceiro(a) x comportamento psicologicamente agressivo dela	0,689	0,000
Comportamento psicologicamente agressivo parceiro(a) x comportamentos controladores por parte do parceiro (a)	0,643	0,000
Comportamento psicologicamente agressivo parceiro(a) x comportamentos controladores dela	0,451	0,000
Comportamento psicologicamente agressivo parceiro(a) x falta de companheirismo do parceiro	0,416	0,000
Comportamento psicologicamente agressivo parceiro(a) x sentir-se pressionada a fazer o que não quer	0,429	0,000

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 5 sintetiza a correlação obtida para as variáveis que demonstram características dos relacionamentos atuais, mostrando que quanto maior o apego com o(a) parceiro(a), maior o medo do abandono ($r=0,489$; $p=0,000$), quanto maior o medo do abandono, maior a dificuldade de estar sozinha/desacompanhada ($r=0,410$; $p=0,000$) e quanto maior a frieza/distanciamento, maior a dificuldade em formar vínculos profundos ($r=0,441$; $p=0,000$).

Tabela 5 – Correlação de Spearman obtida para as variáveis de avaliação subjetiva para características dos relacionamentos afetivos.

Variáveis	r	p
Medo de abandono x apego ao parceiro(a)	0,489	0,000
Medo de abandono x dificuldade de estar sozinha/ desacompanhada	0,410	0,000
Frieza/ afastamento afetivo x dificuldade de criar vínculos profundos	0,441	0,000

Fonte: Dados da pesquisa.

6 DISCUSSÃO

Os dados apresentados na sessão anterior serão agora discutidos em função da literatura da área por meio de duas grandes temáticas: 1) o papel do apego na infância na construção dos vínculos afetivos e 2) dificuldades de relacionamento.

6.1 O papel do apego na infância na construção dos vínculos afetivos

Sabe-se que existem inúmeras obras que abordam o estabelecimento do apego durante a infância, discorrendo, principalmente, sobre como as figuras responsáveis pela criação de um indivíduo irão influenciar em seu modo de se comportar perante as relações desenvolvidas no decorrer de sua vivência. Dentre as variadas maneiras de espelhamento do apego, a forma como o sujeito irá relacionar-se com outras pessoas no âmbito amoroso também será ditada pelo modelo desenvolvido em sua infância (BOWLBY, 1969; LICKLITER, 2008 *apud* COUTINHO, 2022).

Inicialmente, após a compreensão da organização familiar e afetiva das respondentes, apresenta-se a necessidade de elucidar a configuração das características presentes nos relacionamentos. É importante ressaltar que os resultados obtidos são subjetivos e, portanto, analisados considerando este aspecto de extrema relevância.

Sendo assim, no primeiro momento, nota-se que, de fato, há grande semelhança (nas avaliações das respondentes) com a “Teoria Triangular do Amor” de Sternberg (1986), que versa sobre o vínculo, o apego, a necessidade de partilhar com o cônjuge e de mantê-lo perto, principalmente, na percepção que as participantes analisaram subjetivamente a relação amorosa de maneira mais positiva que a parental. O autor define que existem três componentes relevantes nas relações amorosas, sendo elas: Intimidade- contemplando a felicidade, respeito, entendimento, capacidade de entregar-se, apoio emocional, valorização e comunicação; Paixão- caracterizada pela atração física, sexual e vontade de estar junto; Compromisso- relacionado ao desejo de que a relação dure e a decisão de amar.

Em relação aos dados obtidos, observa-se que grande parte das respondentes avaliam os relacionamentos afetivos como mais amigáveis, afetuosos, compreensivos, comunicativos, amáveis, empáticos e independentes, essas características podem estar relacionadas a percepção de indivíduos que possuem um estilo de apego seguro. Tais aspectos, como ressalta Coutinho (2022), versam sobre a predisposição de escolher relacionamentos que são considerados saudáveis e fontes seguras de apoio, com laços fortes e estabilidade, dessa

forma, este estilo de apego é denominado pela interação harmoniosa com cuidadores devidamente seguros e confiáveis.

Em contrapartida, como mostram os dados, foram ressaltados aspectos como incompreensão, pouca comunicação, agressividade, apatia e dependência no relacionamento com os pais. Essas características podem estar relacionadas a cuidadores que tiveram comportamentos negligentes e não forneceram a segurança e apoio suficientes, fazendo com que o indivíduo desenvolva o chamado apego inseguro, tendendo a buscar relacionamentos sem estabilidade, desestruturados e inclinados a causar dano e sofrimento (AINSWORTH, 1978; MAIN, 2000 *apud* COUTINHO, 2022).

Deste modo, foi realizada a comparação entre as definições elegidas por meio do questionário no que diz respeito aos familiares da participante e os(as) parceiros(as). De acordo com a coleta, é possível notar uma semelhança significativa de porcentagens entre as respostas no questionário no que se refere ao sentimento de instabilidade tanto nos relacionamentos familiares quanto amorosos das participantes. Além disso, no quesito de sentimentos “apáticos” e “dependentes”, também pode-se encontrar proximidade nas porcentagens de classificação feita pelas mulheres que responderam à questão. Esses resultados demonstram como muitas vezes os reflexos do apego se organizam em certos padrões, onde algumas características seguirão sendo almejadas em um futuro relacionamento, mimetizando o que acontecia em sua criação, sendo ela disfuncional ou não (COUTINHO, 2022).

Além disso, aqueles que apresentaram o estilo de apego considerado inseguro evitativo, tendo suas infâncias permeadas por um cuidado de espécie insensível, costumam presenciar o sentimento de incômodo com a proximidade física e emocional dentro de seus relacionamentos amorosos (HAZAN; SHAVER, 1987 *apud* TOSTA, 2017). Pode-se pensar um paralelo entre este aspecto e a dificuldade de comunicação das participantes e de seus(as) parceiros(as) de comunicar o que pensam e sentem.

Ademais, encontram-se respostas apontando para um índice de agressividade física em maior nível por parte dos(as) parceiros(as), no entanto, no que tange os comportamentos psicologicamente agressivos há demonstração de que ambos (parceiro(a) e respondente) apresentam tal aspecto no relacionamento. Pode-se compreender, de acordo com Paiva e Figueiredo (2003), que o que caracteriza um relacionamento como sendo abusivo se dá, de fato, pela recorrência de comportamentos significativamente violentos. Dentro deste tema existem anos de opressão para o gênero feminino, não sendo um assunto considerado novo. Nos tipos de abuso que podem ser gerados dentro de uma relação, pode-se garantir o dano à vítima, de forma física e psicológica.

Dessa forma, entende-se que aspectos relacionados ao apego e a violência em futuros envolvimento afetivos estão de certa forma relacionados. Assim como ressalta Schereen (2015), adultos que apresentam apego seguro costumam se sentir menos ameaçados em conflitos conjugais, os evitando com menor frequência e optando pela negociação ao contrário de indivíduos com apego visto como inseguro. Além disso, é sabido que, diante dos conflitos, indivíduos que possuem apego ansioso costuma a ter reações e emoções exageradas e presença de medo de perder o parceiro. Estas características podem ser vistas nos resultados obtidos em fatores como a dificuldade de comunicação entre o casal, a insegurança em relação ao(a) parceiro(a) e, expressivamente, na correlação de violência, ressaltando que em uma relação em que há presença da violência, em muitos casos, ambos emitem comportamentos agressivos.

6.2 Dificuldades de relacionamento

Na presente pesquisa identificaram-se como principais dificuldades de relacionamento aspectos como a infidelidade, onde é perceptível notar que as participantes se autoavaliam de maneira muito mais positiva do que em relação aos parceiros que julgam serem menos infiéis. Entende-se, dessa forma, que este aspecto pode estar ligado com a desejabilidade social, visto que a infidelidade (fator multicausal) é, além de uma quebra de confiança, um tabu. Os comportamentos considerados como infiéis variam entre homens e mulheres, demonstrando que no cenário feminino são mais sutis (às vezes nem interpretados como traição) e no masculino são mais evidentes (se estendendo desde carícias sexuais à paquera), fator que pode estar relacionado com os resultados obtidos (SHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018).

Outro aspecto relevante descrito no estudo é a capacidade de perdoar uma traição, mostrando uma quantidade expressiva de respondentes que perdoariam um ato de infidelidade. Este fator, como explicita Costa e Cenci (2014), se relaciona com as diferenças de gênero e demonstra que, de fato, a infidelidade masculina é vista de modo mais aceitável e a imagem que se tem do homem que trai é relacionada à necessidade e insatisfação. Dessa forma, há uma tendência não só individual, mas social de visualizar a infidelidade masculina de maneira mais branda que a feminina, o que pode estar relacionado com as respostas obtidas.

Ademais, ao investigar de que maneira os comportamentos fisicamente agressivos no relacionamento se faziam presentes de forma relevante, a pesquisa alcançou poucas probabilidades de resposta, sendo possível, no entanto, analisar na coleta, mais respostas para a probabilidade de comportamentos fisicamente agressivos por parte do(a) parceiro(a). Observa

-se, então, como expõe Minayo (2009) uma relação dos comportamentos agressivos da parte do parceiro com os comportamentos agressivos de sua parte, fator que versa sobre a violência e desenha como esta é uma forma, muitas vezes, de comunicação dentro dos relacionamentos, principalmente, em relação àqueles onde não há capacidade de resolução de problemas, falhando em diálogo. Pode-se analisar a dificuldade de expressar sentimentos e de estabelecer uma comunicação dentro dos envolvimento afetivos, fatores que podem se relacionar ao que foi proposto anteriormente.

Dentre outros aspectos citados no ramo das dificuldades dos relacionamentos, quando se fala sobre a dificuldade da sua família aceitar o relacionamento, encontra-se na pesquisa mais respostas para a probabilidade das famílias dos(as) parceiros(as) aceitarem a participante. Ressaltando, dessa forma, o que versa Nogueira (2020) sobre a necessidade social de manutenção das relações, especificamente, amorosas, já que o relacionamento não se desenvolve plenamente sem que haja engajamento e suporte de toda a comunidade que cerca de alguma forma o casal, afinal, além de toda a significação individual, o envolvimento é um serviço à sociedade.

Uma das categorias analisadas no questionário do estudo faz correlação direta ao que já foi elucidado por meio das teorias de apego aqui citadas, diz respeito ao medo de ser abandonada pelo(a) parceiro(a) o questionário da pesquisa. Como exposto por Bution e Wechsler (2016), é frequentemente associada às mulheres as questões que envolvem a dependência, no entanto, há a percepção de que este aspecto se dá de maneira cultural, visto que em algumas formatações de cultura se acredita que o relacionamento é um fator essencial para a felicidade. Ainda segundo os autores, é necessário reconhecer toda a fomentação que a mídia e a literatura exercem, fazendo com que, muitas vezes, essa dependência seja algo considerado “normal” e até desejável.

7 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou analisar os dados referentes à relação entre as características de apego em mulheres e seus relacionamentos, tendo sido utilizado como ferramenta um questionário que pode abranger mulheres de 18 a 60 anos no território brasileiro. Como intuito principal, pretendia-se investigar tais características de apego desenvolvidas na infância e os padrões de relacionamento mantidos pelas participantes.

Dessa forma, pode-se afirmar que os resultados sugerem que podem existir relações entre o apego e os relacionamentos, principalmente seguindo os padrões de segurança ou insegurança estabelecidos em seu desenvolvimento.

As principais dificuldades de relacionamento encontradas foram o clima dos relacionamentos, suas características e os sentimentos nele envolvidos, tanto em questão ao relacionamento amoroso quanto familiar, mas, ainda assim, o primeiro sendo avaliado de melhor forma pelas participantes em relação ao segundo.

Além disso, é importante ressaltar o fator de infidelidade levantado pelas questões, indicando que as participantes se avaliam como sendo menos prováveis de serem infiéis do que seus(suas) parceiros(as). A maioria das participantes se posicionou afirmando que não perdoariam um comportamento infiel.

Outro ponto importante a ser analisado nas dificuldades está centrado em uma acentuada dificuldade de comunicação em geral, tanto por parte das participantes quanto de seus(suas) parceiros(as), além de apresentarem dificuldades também no quesito de demonstração de afeto. No que diz respeito a dividir as contas, houve porcentagem significativa de respostas que levam ao entendimento que este também é um fator de dificuldade.

Sobre os comportamentos agressivos, os dados sugeririam que quando estão presentes nos relacionamentos, manifestam-se em diferentes naturezas (física, verbal, psicológica, etc.) e podem favorecer o surgimento de comportamentos violentos de ambas as partes.

Outrossim, as dificuldades que as participantes demonstraram em criar vínculos profundos pode ser considerada uma dificuldade, apesar de terem sido coletados dados de que grande parte das participantes do estudo estavam inseridas em relacionamentos recentes. Ademais, as participantes demonstraram medo de serem abandonadas, sendo possível analisar esse sentimento nos dados referentes a insegurança no relacionamento.

Além disso, os dados do presente estudo também podem contribuir para o entendimento dos ciclos de violência perpetuados em relacionamentos, onde pode ser percebido

o apego inseguro, ambivalente ou desorganizado, sendo estes os mais prováveis ao indivíduo correr mais riscos de submeter-se a dependência emocional, sentimento de insegurança, instabilidade, desejo de controle excessivo e a violência propriamente dita, física e psicológica.

Ademais, foi possível notar que as participantes responderam ao questionário elencando de forma mais “negativa” seus(suas) parceiros(as) do que a si mesmas, isso pode ser um reflexo de como as mulheres gostariam de ser vistas pela sociedade ou até mesmo pela pressão sofrida no que diz respeito ao machismo e normas consideradas concretas no comportamento e sentimentos. Isso pode influenciar na maneira como se dão os resultados do estudo, podendo ser menos fidedignos caso não haja total sinceridade nas respostas ao teste.

O presente estudo poderá abrir caminhos para que sejam realizadas novas pesquisas futuramente, inclusive com a inserção de um instrumento de avaliação que não pode ser utilizado pelas dificuldades de acesso e escassez de materiais traduzidos para o português. Acerca do tema, ainda espera que sejam realizados outros estudos com o intuito de preencher lacunas encontradas, principalmente de outras formas que priorizem uma maior compreensão sobre os apegos e a violência sofrida dentro de alguns relacionamentos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADES, B. D. **Implicações do estilo de apego individual na qualidade conjugal**. 2018. 82 f. Dissertação (Mestrado), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/187405>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- BARBOSA, J. P. M. *et al.* Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 1-13, jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/qKZv8sc885rpsqDhwV5YJpF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09 mar. 2022.
- BARSTAD, M. **Do berço ao túmulo**: a teoria de apego de John Bowlby e os estudos de apego em adultos. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado), Departamento de Psicologia - PUC-Rio, Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28976/28976.PDF>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- BECK, A. T. **Para além do amor**. São Cristóvão: Editora Rosa dos Tempos, 1995.
- BRASIL. **Lei n.º 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, Secretaria Geral, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.tjmt.jus.br/INTRANET.ARQ/CMS/GrupoPaginas/18/984/Lei-maria-da-penha-11340.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- BUTION, D. C.; WECHSLER, A. M.; Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 77-101, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v7n1/a06.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- COUTINHO, C. A. O apego infantil projetado na vida adulta. **Revista Cathedral**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 52-62, 3 jun. 2022. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/473>. Acesso em: 19 out. 2022.
- COSTA, C. B.; CENCI, C. M. B. A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 19-34, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2022.
- GRIEBLER, C. N.; BORGES, J. L. Violência contra a mulher: perfil dos envolvidos em boletins de ocorrência da Lei Maria da Penha. **Psico**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 215-225, jul. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11463>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- HOFFMEISTER, A.; CARVALHO, L. M.; MARIN, A. H. Compreendendo o amor e suas expressões em diferentes etapas do desenvolvimento. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 19, n. 3, p. 1-14, dez. 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692019000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 mar. 2022.

KRUG, E. G. *et al.* (org.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2022.

MINAYO, M.C.S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, K. *et al.* (org.). **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009. p. 21- 42.

NOGUERA, R. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

OLIVEIRA, M.S.; SANI, A. I. A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**, Porto, n. 6, p. 162-170, 2009. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf Acesso em: 25 fev. 2022.

PAIVA, C., FIGUEIREDO, B. Abuso no contexto de relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. **Psicologia, Saúde e Doenças**, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 165-184, nov. 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36240201>. Acesso em: 9 nov. 2022.

PONTES, F. A. R. *et al.* Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. **Aletheia**, Canoas, n. 26, p. 67-79, dez. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 mar. 2022.

RAVANELLO, T.; MARTINEZ, M. C. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 159-183, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 mar. 2022.

SAFFIOTI, H.I.B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n.4, p. 82-91, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/qKKQXTJ3kQm3D5QMTY5PQqw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2022.

SCHEEREN, P.; APELLÁNIZ, I. A. M.; WAGNER, A. Infidelidade conjugal: a experiência de homens e mulheres. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 1, p. 355-369, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/4b6d4mBhVxNnNmc9bkWcCSw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2022.

SCHEEREN, P. *et al.* O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 835-852, nov. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 nov. 2022.

STERNBERG, R. J. A triangular theory of love. **Psychological Review**, [s.l.] v. 93, n. 2, p. 119-135. 1986. Disponível em: http://pzacad.pitzer.edu/~dmoore/psych199/1986_sternberg_trianglelove.pdf. Acesso em: 24 mar. 2022.

TOSTA, A. S. **Entendendo os relacionamentos íntimos com comportamento abusivo por meio da teoria do apego**. 2017. 58 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação), Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/6779/TCC%20E%20ATA%20Amanda%20de%20Souza%20Tosta.pdf;jsessionid=949AED1F77AE1E8C4C7553D482CA8F7D?sequence=1>. >. Acesso em: 24 fev. 2022.

APÊNDICE A – Questionário de coleta de dados

Qual a sua idade?

- ☐ 18 a 30 anos
- ☐ 31 a 40 anos
- ☐ 41 a 50 anos
- ☐ 51 a 60 anos

Escolha a orientação sexual que melhor descreve você:

- ☐ Heterossexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Lésbica
- ☐ Outra
- ☐ Prefiro não identificar

Qual a sua escolaridade?

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior cursando
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Pós-graduação

Qual seu estado civil?

- ☐ Casada/união estável
- ☐ Solteira
- ☐ Viúva
- ☐ Divorciada

HISTÓRICO FAMILIAR

Sobre os seus pais, assinale a alternativa que melhor descreve a convivência de vocês, a maior parte do tempo

- ☐ Fui criada tanto por meu pai, quanto por minha mãe
- ☐ Fui criada apenas pela minha mãe
- ☐ Fui criada apenas pelo meu pai
- ☐ Não conheci meus pais. Fui criada por outras pessoas (avós, tios, madrinha)

Na maior parte do tempo, qual é/era o clima do seu relacionamento familiar?

- ☐ Afetuoso
- ☐ Conflituoso
- ☐ Amigável
- ☐ Hostil

- ☐ Estável
- ☐ Instável

Na maior parte do tempo, quais são/eram as características do seu relacionamento familiar?

- ☐ Compreensivo
- ☐ Incompreensivo
- ☐ Comunicativo
- ☐ Pouco comunicativo
- ☐ Agressivo
- ☐ Amável
- ☐ Apático
- ☐ Empático
- ☐ Dependente
- ☐ Independente

Na maior parte do tempo, quais os sentimentos mais comuns na relação com seus pais?

- ☐ Medo
- ☐ Raiva
- ☐ Frustração
- ☐ Desapego
- ☐ Desconfiança
- ☐ Insegurança
- ☐ Chateação
- ☐ Amor
- ☐ Alegria
- ☐ Confiança
- ☐ Apego
- ☐ Segurança
- ☐ Felicidade

RELACIONAMENTOS/ENVOLVIMENTOS AFETIVOS

Atualmente, você está em um envolvimento afetivo?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

Qual o tempo de duração do seu relacionamento/envolvimento afetivo mais recente?

- ☐ Menos de 6 meses
- ☐ De 7 meses a 1 ano
- ☐ 1 a 2 anos
- ☐ 2 a 5 anos

- ☐ 6 a 10 anos
- ☐ 10 a 15 anos
- ☐ Mais de 15 anos

COMPORTAMENTOS E SENTIMENTOS NO ÂMBITO DO RELACIONAMENTO

Você tem necessidade de saber onde seu(sua) parceiro (a) está a todo momento?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Às vezes

Você solicita que seu(sua) parceiro(a) compartilhe senhas de e-mail, celular, redes sociais com você?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Às vezes

Você solicita ou espera que seu(sua) parceiro(a) responda suas mensagens via rede social de forma imediata?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Às vezes

Quando distante de seu(sua) parceiro(a), você costuma ficar preocupada com o que ele(ela) está fazendo?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Às vezes

DIFICULDADES NOS RELACIONAMENTOS AFETIVOS

Em uma escala de 0 a 5, sendo 0 nada e 5 extremamente, avalie o quanto cada uma das dificuldades listadas a seguir está presente nos seus relacionamentos amorosos:

Infidelidade por parte do(a) parceiro(a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Infidelidade por sua parte

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Probabilidade de você perdoar uma situação de infidelidade

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Ciúmes intenso por parte do(a) parceiro(a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Ciúmes intenso por sua parte

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Insegurança em relação ao parceiro(a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Seu parceiro comunicar o que pensa e sente

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Você comunicar o que pensa e sente

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Seu parceiro(a) demonstrar afeto

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Você demonstrar afeto

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Dificuldade que você tem em receber afeto

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Dificuldade da sua família aceitar seu(sua) parceiro (a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Dificuldade da família dele(dela) aceitar você

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Dificuldade dos seus amigos aceitarem o relacionamento

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Dividir as contas

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Diferença de valores e objetivos para a vida

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Diferenças socioculturais

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Comportamentos fisicamente agressivos da parte do(a) parceiro(a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Comportamentos fisicamente agressivos da sua parte

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Comportamentos psicologicamente agressivos da parte do(a) parceiro(a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Comportamentos psicologicamente agressivos da sua parte

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Comportamentos controladores por parte do(a) parceiro (a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Comportamentos controladores da sua parte

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Falta de companheirismo do(a) parceiro(a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Falta de companheirismo da sua parte

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Você se sentir pressionada a fazer alguma coisa que não quer/queria pelo seu(sua) parceiro (a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Controle financeiro da sua parte

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Controle financeiro da parte do(a) parceiro(a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Controle de suas amizades por parte do(a) parceiro(a)

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Controle das amizades do parceiro(a) de sua parte

NADA 0 1 2 3 4 5 EXTREMAMENTE

Nas próximas perguntas, pedimos que você avalie em uma escala de 0 a 5, sendo 0 pouco/pouca e 5 muito/muita o quanto você percebe seu nível de:

Medo de ser abandonada pelo(a) parceiro(a)

POUCA 0 1 2 3 4 5 MUITA

Facilidade em engatar um novo relacionamento

POUCA 0 1 2 3 4 5 MUITA

Apego aos seus(suas) parceiros(as)

POUCO 0 1 2 3 4 5 MUITO

Frieza/afastamento quando se trata de relacionar-se com os outros

POUCO 0 1 2 3 4 5 MUITO

Confiança nas pessoas com quem se relaciona

POUCO 0 1 2 3 4 5 MUITO

Dificuldade de criar vínculos profundos com as pessoas

POUCA 0 1 2 3 4 5 MUITA

Dificuldade de estar sozinha/desacompanhada

POUCA 0 1 2 3 4 5 MUITA

Engatar um relacionamento/envolvimentos afetivo sucessivamente é comum para você?☐ Sim☐ Não**CARACTERÍSTICAS DOS RELACIONAMENTOS****Na maior parte do tempo, como você percebe o clima do seu relacionamento amorosos?**☐ Afetuoso☐ Conflituoso☐ Amigável☐ Hostil☐ Estável☐ Instável**Na maior parte do tempo, quais são/eram as características dos seus relacionamentos amorosos?**☐ Compreensivo☐ Incompreensivo☐ Comunicativo☐ Pouco comunicativo☐ Agressivo☐ Amável☐ Apático☐ Empático☐ Dependente

☐ Independente

Na maior parte do tempo, quais os sentimentos mais comuns presentes em seus relacionamentos amorosos?

- ☐ Medo
- ☐ Raiva
- ☐ Frustração
- ☐ Desapego
- ☐ Desconfiança
- ☐ Insegurança
- ☐ Chateação
- ☐ Amor
- ☐ Alegria
- ☐ Confiança
- ☐ Apego
- ☐ Segurança
- ☐ Felicidade

Quais das características abaixo melhor descreve o que você pensa acerca dos relacionamentos afetivos:

- ☐ Cada um precisa preservar sua individualidade
- ☐ Somos um só e precisamos fazer tudo juntos
- ☐ Acredito que seja necessário que tenhamos os mesmo amigos
- ☐ Prefiro que tenhamos amigos individualmente
- ☐ Minha felicidade depende da companhia do meu(minha) Parceiro (a)
- ☐ Acredito que minha felicidade depende de mim e das minhas escolhas
- ☐ Preciso estar sempre acompanhada para me sentir bem
- ☐ Consigo estar sozinha e me sentir bem

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Pesquisa: Apego e dificuldades de relacionamentos afetivos em mulheres

Pesquisadoras: Maria Eduarda Neres Prates, Vitória Sacchi, Prof^a. Ma. Alessandra Ackel Rodrigues

- **Que tipo de documento é esse?**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que está sendo desenvolvida como trabalho de conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá. Este documento é o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele foi elaborado para explicar detalhadamente a nossa pesquisa a você. Depois de ler essas informações, você poderá decidir se quer ou não participar voluntariamente da nossa pesquisa.

- **Por que o estudo está sendo feito?**

A reflexão acerca das dificuldades encontradas nos relacionamentos de mulheres que se encontram na fase adulta é de extrema importância. Esse aspecto faz com que haja maior preocupação e necessidade de elucidação dos fatores prévios que se encontram na infância e, conseqüentemente, características dos modelos de apegos empregados nesta fase do desenvolvimento. Há necessidade de olhar as diversas formas de violência que as mulheres encontram, não só de maneira social, mas no estabelecimento e desenrolar dos vínculos afetivos. Se mostra, dessa forma, uma pesquisa de bastante relevância.

- **Para que o estudo está sendo feito?**

Esse trabalho objetiva identificar aspectos relevantes nos envolvimento amorosos, características da história afetiva estabelecida ao longo da vida de mulheres jovens, assim como as dificuldades encontradas nestes relacionamentos e susceptibilidade à violência e infidelidade.

- **O que acontecerá comigo durante o estudo?**

Se você aceitar participar voluntariamente, irá responder um questionário que conta com vinte perguntas rápidas e poderá ser realizado dentro de 15 minutos. Esse questionário irá abordar temas relacionados aos seus relacionamentos amorosos atuais ou antigos, dependendo do status de relacionamento atual, e questões que irão abordar relacionamentos e características de suas interações familiares. O questionário poderá ser

realizado em qualquer lugar que possua acesso à Internet, seu link será encontrado nas plataformas do Facebook, Instagram e WhatsApp, o acesso o direcionará a um questionário no Google Forms. É importante frisar que as informações coletadas serão utilizadas para pesquisa acadêmica, de interesse puramente científico, portanto, não serão compartilhadas de nenhuma forma.

- **Quais os riscos ou desconfortos de participar do estudo?**

Considera-se que o risco ao participar dessa pesquisa é mínimo. Você poderá cansar-se ao responder as questões ou sensibilizar-se pelo conteúdo das questões. Como forma de atenuar esses possíveis riscos, nós planejamos questões curtas e caso ao responder nossas questões você sinta algum desconforto e/ou constrangimento, nossos contatos estarão à disposição para orientações e encaminhamentos necessários. Além disso, você poderá não responder a qualquer questão que te cause algum desconforto e interromper sua participação imediatamente, momentânea ou definitivamente.

No que se refere à coleta de dados em ambiente virtual, nós não solicitaremos a você nenhuma informação que poderia pessoalmente identificá-lo, tais como seu nome, telefone, e-mail, etc. Além disso, assim que finalizada a coleta dos dados, nós imediatamente removeremos o arquivo com as informações obtidas da nuvem, ficando o acesso único e exclusivo das pesquisadoras, garantindo, assim, a confidencialidade das informações.

- **Quais os benefícios de participar do estudo?**

Com relação aos benefícios da participação na pesquisa, acredita-se que ela te possibilitará a reflexão sobre o desenvolvimento e manutenção das suas relações interpessoais. Você poderá refletir, ainda, sobre a forma como tem se relacionado com seus companheiros e como sua história de vida e comportamentos podem impactar no desenrolar dos envolvimento amorosos. De modo amplo, a sua participação nesta pesquisa produzirá informações que ajudarão a entender as dificuldades nos relacionamentos afetivos de mulheres adultas, o que poderá contribuir com informações relevantes para a prática profissional de psicólogos que atuam com mulheres e dificuldades de relacionamentos.

- **Quais são os meus direitos ao participar?**

Existe uma cartilha desenvolvida pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que orienta a respeito dos direitos dos participantes de pesquisa. Nós listamos abaixo todos os seus direitos conforme essa cartilha e nos comprometemos a respeitar todos eles:

- 1) Receber as informações do estudo de forma clara;
- 2) Poder esclarecer qualquer dúvida que tiver, em qualquer momento da pesquisa.
- 3) Levar o tempo que quiser para decidir se quero participar ou não da pesquisa;
- 4) Não responder perguntas que me incomodem;
- 5) Recusar participar do estudo, sem que isso traga qualquer tipo de problema para mim;
- 6) Desistir de participar do estudo a qualquer momento, mesmo após ter aceitado participar da pesquisa;
- 7) Ter assistência a tudo o que for necessário, de forma gratuita e pelo tempo que for preciso, caso aconteça algum dano por minha participação no estudo.
- 8) Ter direito a reclamar indenização, isto é, solicitar a reparação de um possível dano relacionado a minha participação nesta pesquisa;
- 9) Ser ressarcido (compensado) por gastos de transporte e alimentação que tiver por causa da participação na pesquisa;
- 10) Conhecer os resultados da pesquisa;
- 11) Ter respeitado o meu anonimato e a confidencialidade das informações que eu fornecer, ou seja, a minha identidade (nome, sobrenome ou qualquer outro dado de identificação) jamais será revelada, inclusive se os resultados do estudo forem apresentados em congressos ou publicações científicas.
- 12) Ter respeitada a minha privacidade;
- 13) Receber uma via deste documento, assinada e rubricada em todas as páginas.

- **Com quem devo falar em caso de dúvidas sobre o estudo?**

Fale diretamente com as pesquisadoras responsáveis em qualquer momento durante o curso da pesquisa. Você pode entrar em contato conosco por e-mail ou telefone: eduarda.2905@hotmail.com, (16) 991451738, ou vitoria_sacchi@hotmail.com, (16) 993818638, ou alessandra.rodrigues@baraodemaua.br (16) 99202-6455.

- **Com quem falar se tiver dúvidas sobre meus direitos ou quiser fazer uma reclamação sobre a pesquisa?**

Você poderá realizar contato com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), um órgão que tem a função de zelar pela proteção e direitos de participantes de pesquisa. Essas são as formas de entrar em contato com o CEP: Rua: Ramos de Azevedo, nº 423, sala 38, Jd. Paulista - Ribeirão Preto/SP, telefone: (16) 3603-6624, e-mail: cepbm@baraodemaua.br. O horário de

atendimento do CEP é de segunda-feira e sexta-feira: 14h às 17h; e de terça a quinta-feira: 7h30 às 13h.

Após ter lido este TCLE, declaro que entendi os objetivos da pesquisa, a forma que participarei, os riscos e benefícios da minha participação, bem como todos os meus direitos. Estou ciente de que os pesquisadores me convidaram para participar porque o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Centro Universitário Barão de Mauá e atende aos requisitos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Concordo em participar voluntariamente com o estudo, manifestando minha concordância clicando na palavra: aceito a seguir. Além disso, devo fazer o download de uma via deste termo de consentimento assinada e rubricada pelas pesquisadoras.



ACEITO

Assinatura das pesquisadoras:

Maria Eduarda Neres Prates

Vitória Sacchi

Prof^a. Ma. Alessandra Ackel Rodrigues

ANEXO A- Parecer de aprovação CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: APEGO E DIFICULDADES DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS EM MULHERES

Pesquisador: Alessandra Ackel Rodrigues

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 58697722.0.0000.5378

Instituição Proponente: ORGANIZACAO EDUCACIONAL BARAO DE MAUA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.459.129

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1943961.pdf0 de 13 de maio de 2022. Introdução:

Concebendo as relações humanas como resultado das interações sociais, tem-se a interface amorosa como um ponto de desenvolvimento variavelmente comum dos relacionamentos. A fim de compreender detalhadamente este aspecto, é suscitado o questionamento dos fatores constituintes do sentimento de amor, mesmo este variando culturalmente, socialmente e subjetivamente. Nogueira (2020) ressalta que apesar de todas as definições, o amor não se dá de maneira individual, principalmente, ao passo que se torna inviável sem que outros indivíduos se engajem e deem suporte à relação. No entanto, pontua que este sentimento também possui uma faceta animal, descrevendo o desejo que os seres humanos apresentam em se eternizar e ocupar a maior quantidade de espaço. Sendo assim, estas relações, que muitas vezes se encaminham para um viés amoroso e socialmente entendido como romântico, entrelaçam duas vidas diferentes em um elo de conexão. A teoria levantada por Sternberg (1986), conhecida como "Teoria triangular do amor", pode exemplificar a maneira como costuma-se compreender os pilares que formam uma relação, sendo estes: intimidade, paixão e compromissos. Esmiuçando esses três itens, pode-se compreender a intimidade como sendo o ramo da proximidade, vínculo e apego. O da paixão

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

estaria relacionado à atração sexual e o sentimento de forte desejo que este alguém esteja vinculado de maneira recíproca, além da expressão de desejo e autoestima. Por fim, os compromissos se voltariam para o desejo do indivíduo de estar com o outro e a longo prazo, compartilhar de suas conquistas com ele, sendo este, o desejo de manter este amor por mais tempo. Não somente Sternberg, mas inúmeros outros teóricos abordaram o tema do amor, adentrando ao âmago de suas peculiaridades, como, por exemplo, dentro da Psicologia e no ramo da psicanálise, onde se associou o amor ao que poderia ser compreendido como a sexualidade sublimada pelo conceito de transferência, ato este que aconteceria em qualquer relação estabelecida entre dois seres em interação, inclusive terapeuta e paciente (RAVANELLO, 2013), ou então ao olhar da ciência do comportamento, que leva ao entendimento de que amor estaria vinculado ao reforçamento mútuo de comportamentos, dessa forma, o tempo compartilhado pelos amantes se resume na liberação de múltiplos reforçadores (HOFFMEISTER; CARVALHO; MARIN, 2019). Por fim, mas não menos importante, vale ressaltar a relevância do ponto de vista de Beck (1995), que trouxe de forma inovadora a concepção do trabalho sobre os relacionamentos voltados para uma maior compreensão da estruturação cognitiva e o estabelecimento de crenças nos indivíduos, que, dessa forma, manejam seus relacionamentos sob a influência desses conceitos. A teoria cognitiva comportamental pode trazer a luz aos estudos voltados ao entendimento do funcionamento de muitos relacionamentos e de como vão se moldando ao passar do tempo de acordo com a estruturação cognitiva de cada indivíduo. A conjugalidade é, de fato, uma relação humana muito complexa e multifacetada, explicitada, assim, com variáveis dinâmicas e estáticas. Como revela Andrades (2018), as variáveis dinâmicas abarcam a possibilidade de modificação através de intervenções (métodos terapêuticos e psicoeducativos, por exemplo); no entanto, em se tratando das variáveis estáticas, têm-se as constituições do indivíduo que não são passíveis de modificações (história de vida, estilo de apego). No que diz respeito às funções neurológicas envolvidas nas relações amorosas, tem-se a dependência (principalmente) emocional como produto. Assim, como ressaltam Bution e Wechsler (2016), esta modalidade necessita de atenção e investigação, pois não se difere de outros tipos de dependência e, inclusive, tem sua etiologia e sintomatologia postas de forma semelhante. Os autores ressaltam, ainda, que o perfil dos dependentes emocionais apresenta comportamentos de submissão ao outro, medo de solidão, baixa tolerância à frustração, abstinência na ausência, conflito de identidade, autonegligência, entre outras características que fazem com que este fator seja um grande risco para a violência. Esta relação se estabelece muitas vezes mutuamente e de maneira conflituosa, fazendo com que os abusos nos relacionamentos íntimos sejam altamente nocivos à qualidade de

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO
Bairro: JARDIM PAULISTA **CEP:** 14.090-180
UF: SP **Município:** RIBEIRAO PRETO
Telefone: (16)3603-6600 **Fax:** (16)3618-6102 **E-mail:** cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

vida, saúde física e mental das vítimas (TOSTA, 2017). Abusos estes que podem se caracterizar de diversas formas, sendo sexuais, físicos, verbais e psicológicos; todos definidos pela característica de ameaça, restrição, persuasão e cerceamento de liberdade do outro, envolvendo uma ou todas essas esferas. Sendo a dependência, a necessidade de manter o abusador e a violência aspectos de ordens multicausais, um fator determinante para que estes pontos se desenvolvam seria o estilo de apego estabelecido durante a infância. Este “por sua vez, parece ser relativamente estável, sendo constituído na infância e reproduzido nos relacionamentos do indivíduo ao longo de toda sua vida” (ANDRADES, 2018, p. 12). Desde os primórdios da psicologia, estuda-se o vínculo entre pais e filhos e seu efeito repercutido ao decorrer da vida dos indivíduos. As ideias trazidas por Pontes (2007) elucidam os conhecimentos primeiramente descritos nas obras de Bowlby e as classificações determinadas por Ainsworth, que permitiram classificar os estilos de apego encontrados em cada indivíduo. Para Pontes (2007), o que pode ser apoiado pelas bases teóricas da obra de Ainsworth que trabalha as teorias de apego para a infância do ser humano, são determinados nas seguintes categorias: apego seguro e apego inseguro, este subdividido em evitativo, ambivalente e desorganizado. Como consequência, essas relações refletem nos modelos de apego na vida adulta, decorrentes do processo vivido na infância de cada pessoa. Quando se trata do modelo de apego seguro, encontra-se na vida do indivíduo um contexto considerado nutritivo e de bons tratos, onde o indivíduo possui tendência a ter uma boa relação com os demais, boa autoestima e busca por apoio social. No modelo de apego ambivalente, encontra-se um contexto de maior negligência, conduzindo a um indivíduo que tende a desconfiar dos outros, resiste a aproximação dos demais e possui rupturas frequentes (BOWLBY, 1969, apud PONTES, 2007) Já o sujeito que possui o modelo de apego evitativo possui um histórico de vivência violenta, seja psicológica ou fisicamente, comportando-se de forma pouco emotiva nas relações, incapaz de compartilhar pensamentos e sentimentos e com problemas na intimidade. Por fim, no Estilo de Apego Desorganizado, o indivíduo carrega um contexto caótico e violento, mutável e instável, possuindo dificuldade para manter relações e afetos significativos, dificuldade para ver os demais sem distorções, além de condutas consideradas contraditórias (BOWLBY, 1969, apud PONTES, 2007) Há grande discordância entre a teoria de apego aplicada à vida adulta. No entanto, segundo Barstad (2013), os indivíduos vivem em uma constante busca por ligações e demonstram seus interesses de maneiras muito semelhantes às estabelecidas na infância. Alguns pontos, logicamente, se diferem das manifestações encontradas em crianças, tomando como exemplo, se encontra o toque físico na procura de proximidade e conforto que ocorre na vida infantil. No entanto, em adultos, a atração física se mostra como grande motivadora desta interação (embora

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

se estabeleça, também, na procura por conforto). É perceptível, então, que o âmbito sexual se mostra bastante presente após as modificações e passagens da infância à vida adulta, não invalidando ou excluindo a procura constante por relações. Tem-se, então, como fruto de todas as interações humanas (o que não exclui as de ordem romântica) a violência. Este aspecto se mostra como um fenômeno complexo, recorrente em toda a história da humanidade e com marcas sociais, emocionais e culturais profundas. Como ressalta Minayo (2009), não diferente é sua conceituação, justamente por se tratar de um fator multicausal e de grande amplitude, sendo considerada, inclusive, como um problema de saúde pública. Dessa forma, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no Relatório mundial sobre violência e saúde, como descrito por Krug et al. (2002) define a violência como uso intencional de força ou poder contra si, outra pessoa, um grupo ou comunidade tendo como resultante ou que tenha possibilidade de resultar em danos de ordem física e psicológica. Dentre as variadas classificações e ramificações da violência, encontra-se a violência de gênero como forma de dominação que, de acordo com Minayo (2009), é comumente sofrida por mulheres. Este fator, direcionado especificamente ao gênero feminino, tem origem nas relações desiguais que foram se estabelecendo durante os séculos, principalmente, em função dos modelos familiares (GRIEBLER; BORGES, 2013). Por muitos anos, a problemática se arrastou e, conseqüentemente, complexificou-se por ser considerada de domínio privado, ou seja, o espaço doméstico. Segundo Griebler e Borges (2013), assim como todo conflito que ocorria neste meio, eram indiscutíveis e não se tornaram interesse público. Além disso, outro fator de perpetuação diz respeito ao fato dos comportamentos violentos serem intergeracionais, então, como explicitam Oliveira e Sani (2009), os sujeitos que vivenciaram ou presenciaram situações deste modelo no seio familiar, apresentam maior probabilidade de desenvolvê-las futuramente. Entende-se, também, segundo Babosa et al. (2021), que as ações denominadas violentas se configuram de maneira dispar em todos os grupos existentes de mulheres. Pedindo, de maneira indispensável, um olhar voltado à ótica da interseccionalidade (que reconhece as várias formas de opressão feminina e suas vulnerabilidades), não se prendendo a discursos universalistas que as aprisionam em modelos estruturados. Se faz urgente compreender que determinados grupos de mulheres estão expostos e, conseqüentemente, vulneráveis de maneiras muito diferentes à violência, os autores ressaltam que: Tal perspectiva conduz à reflexão de como os eixos de opressão se entrecruzam e potencializam, uma vez que, do ponto de vista analítico, permite identificação dos problemas sociais, capturando suas conseqüências estruturais e dinâmicas das complexas intersecções entre os vários eixos de subordinação, buscando desnaturalizar o instituído (constituído). (BARBOSA et al., 2021, p. 4). Ao conceber a violência doméstica e, também a de

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

gênero, fala-se, preferencialmente, das relações entre homem-mulher, o que não significa e nem exclui “que uma relação de violência entre dois homens ou entre duas mulheres não possa figurar sob a rubrica de violência de gênero” (SAFFIOTI, 1999, p. 83). Nesse sentido, a orientação sexual da vítima se mostra irrelevante para a configuração e classificação da violência, inclusive, a própria Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), em seu artigo 5º, parágrafo único, tece que as relações pessoais enunciadas independem de orientação sexual, demonstrando que a mulher pode estar inserida como sujeito passivo ou ativo de comportamentos violentos. Outro fato é que estes atos podem ocorrer sem restrição de gênero, visto que a cultura vigente se classifica de maneira machista, sexista e patriarcal, encontrando sua reprodução tanto em homens, quanto em mulheres. Dessa forma, têm-se a compreensão da violência como um fenômeno que impacta diretamente a forma como se dão os relacionamentos, principalmente em um viés considerado abusivo (MINAYO, 2009). Ao serem relacionados e analisados de forma aprofundada, encontra-se uma base na qual talvez estabeleça o que parece ser uma forma tão enraizada de apego emocional nesses relacionamentos (PONTES, 2007). Não só os comportamentos violentos são alvos de grandes problemáticas dentro dos relacionamentos, como também os comportamentos que tangem a infidelidade. Assim, como é perpetuada socialmente a ideia de que a infidelidade seria uma quebra de contrato e rompimento de confiança entre um casal, a traição é vista como um grande tabu a ser desvendado, onde sempre se procurou o real motivo que levou o indivíduo a trair. Entre homens e mulheres existe uma semelhança em questão a esse comportamento, visto que a maior parte das traições ocorre por meio de insatisfação com o presente relacionamento, sendo assim Homens e mulheres não difeririam quanto aos tipos de comportamentos que perpetuam e ao observar os motivadores para a infidelidade os resultados também se assemelharam: o principal motivador para a traição em ambos os sexos foi a insatisfação com o companheiro(a) ou com a relação. Esses achados evidenciam que, de maneira geral, homens e mulheres vivenciam a infidelidade de maneira semelhante, mantendo suas idiossincrasias, além de apontar para a importância do relacionamento conjugal na compreensão do tema (SHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018, p. 11). Ademais, o que é considerado infidelidade para uma determinada pessoa pode variar em seus significados, visto que existe uma gama de tradições socialmente envolvidas, onde preza-se mais a traição por relação sexual à traição por desenvolvimento de vínculo amoroso com outro alguém (THOMPSON, 1984, apud SCHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018) Portanto, o que segue à luz da compreensão ainda é pouco aprofundado, porque a traição é um fenômeno multifatorial e de inúmeras camadas envolvidas podendo oscilar.

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ



Continuação do Parecer: 5.459.129

Hipótese: De que maneira o apego contribui para o estabelecimento e manutenção dos relacionamentos afetivos e influencia nas dificuldades vivenciadas?

Metodologia Proposta: 4 MÉTODOS Será realizado um estudo de levantamento online, descritivo, de abordagem quantitativa e recorte transversal com o objetivo de analisar o apego e dificuldades de relacionamentos afetivos em mulheres. 4.1 Participantes A amostragem deste estudo será não probabilística. Serão convidadas a participar do estudo 100 mulheres maiores de 18 anos que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo. 4.2 Local A coleta de dados será realizada online. Sendo assim, a participante poderá responder a pesquisa de qualquer local que esteja confortável e disponha de acesso à internet. 4.3 Instrumentos e Materiais Para participar deste estudo online, o participante deverá contar com qualquer tipo de dispositivo eletrônico que permita acesso à internet. Para a coleta dos dados, será utilizado um questionário estruturado (APÊNDICE A) com perguntas referentes às características da história afetiva da participante, tanto com relação ao desenvolvimento dos vínculos iniciais com figuras de cuidado quanto como na relação com parceiros (as) atuais. Outro ponto abordado no questionário serão os comportamentos típicos das participantes nos relacionamentos. O questionário contém 56 perguntas ao todo, elaboradas pelas pesquisadoras para fins do presente estudo. Todas as perguntas contam como parâmetros definidos de respostas, contando, também, com questões de avaliação subjetiva, nas quais o participante deverá estimar, em uma escala de 0 a 5, o quanto aquela descrição se aplica a uma característica sua ou dificuldades vivenciadas nos relacionamentos afetivos. 4.4 Procedimento O convite para participação na pesquisa será realizado por meio das redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp, obtendo sua disseminação por meio de compartilhamentos próprios da plataforma. Optou-se por esse delineamento online por possibilitar acesso a um maior número de mulheres que pudessem responder ao estudo. O questionário de coleta de dados ficará disponível de forma online durante 20 dias. Estima-se que o tempo máximo que os participantes levarão para respondê-lo será de 20 minutos. Entre as questões elaboradas, o participante responderá questões sobre dados de caracterização sociodemográficos, dificuldades nos relacionamentos afetivos e sobre características de apego desenvolvidas ao longo da vida e nos relacionamentos afetivos que estabelece na vida adulta. Os participantes serão orientados que as informações obtidas serão utilizadas estritamente para fins científicos. 4.5 Aspectos éticos O presente estudo será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP). Para seu desenvolvimento, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) foi elaborado com as devidas orientações e esclarecimentos sobre a pesquisa, seus riscos e benefícios, direitos, liberdades e garantias oferecidas aos participantes,

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ



Continuação do Parecer: 5.459.129

formas de ressarcimento e indenização, contato com os pesquisadores e CEP, bem como a garantia de recebimento de uma cópia do TCLE, conforme descrito na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Considera-se que esta pesquisa tem riscos mínimos, apresentando como principais desconfortos esperados o cansaço ao responder as questões ou mobilização emocional pelo conteúdo abordado. Como forma de atenuar esses possíveis riscos, foram elaboradas questões curtas, no entanto, caso o participante sinta algum desconforto e/ou constrangimento, os contatos das pesquisadoras estarão à disposição para orientações e encaminhamentos necessários. Além disso, o participante poderá não responder a qualquer questão que cause algum desconforto e interromper sua participação imediatamente, momentânea ou definitivamente. No que se refere à coleta de dados em ambiente virtual, não será solicitada nenhuma informação que poderia pessoalmente identificar o participante, tais como seu nome, telefone, e-mail, etc. Além disso, assim que finalizada a coleta dos dados, as pesquisadoras imediatamente removerão o arquivo com as informações.

Metodologia de Análise de Dados: A análise dos resultados dessa pesquisa será quantitativa, com descrição da frequência e porcentagem com que cada característica abordada no roteiro foi encontrada na amostra. Além disso, para as variáveis de avaliação subjetiva, serão realizadas análises de média, mediana e desvio padrão dos valores encontrados, bem como testes de correlação.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar o apego e dificuldades de relacionamentos afetivos em mulheres.

Objetivo Secundário: Descrever as características de apego desenvolvidas ao longo da vida e nos relacionamentos atuais. Descrever as principais dificuldades encontradas nos relacionamentos afetivos na perspectiva de mulheres.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Pesquisador Responsável: Alessandra Ackel Rodrigues

Concebendo as relações humanas como resultado das interações sociais, tem-se a interface amorosa como um ponto de desenvolvimento variavelmente comum dos relacionamentos. A fim de compreender detalhadamente este aspecto, é suscitado o questionamento dos fatores constituintes do sentimento de amor, mesmo este variando culturalmente, socialmente e subjetivamente. Nogueira (2020) ressalta que apesar de todas as definições, o amor não se dá de maneira individual, principalmente, ao passo que se torna inviável sem que outros indivíduos se

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

engajem e deem suporte à relação. No entanto, pontua que este sentimento também possui uma faceta animal, descrevendo o desejo que os seres humanos apresentam em se eternizar e ocupar a maior quantidade de espaço. Sendo assim, estas relações, que muitas vezes se encaminham para um viés amoroso e socialmente entendido como romântico, entrelaçam duas vidas diferentes em um elo de conexão. A teoria levantada por Sternberg (1986), conhecida como “Teoria triangular do amor”, pode exemplificar a maneira como costuma-se compreender os pilares que formam uma relação, sendo estes: intimidade, paixão e compromissos. Esmiuçando esses três itens, pode-se compreender a intimidade como sendo o ramo da proximidade, vínculo e apego. O da paixão estaria relacionado à atração sexual e o sentimento de forte desejo que este alguém esteja vinculado de maneira recíproca, além da expressão de desejo e autoestima. Por fim, os compromissos se voltariam para o desejo do indivíduo de estar com o outro e a longo prazo, compartilhar de suas conquistas com ele, sendo este, o desejo de manter este amor por mais tempo. Não somente Sternberg, mas inúmeros outros teóricos abordaram o tema do amor, adentrando ao âmago de suas peculiaridades, como, por exemplo, dentro da Psicologia e no ramo da psicanálise, onde se associou o amor ao que poderia ser compreendido como a sexualidade sublimada pelo conceito de transferência, ato este que aconteceria em qualquer relação estabelecida entre dois seres em interação, inclusive terapeuta e paciente (RAVANELLO, 2013), ou então ao olhar da ciência do comportamento, que leva ao entendimento de que amor estaria vinculado ao reforçamento mútuo de comportamentos, dessa forma, o tempo compartilhado pelos amantes se resume na liberação de múltiplos reforçadores (HOFFMEISTER; CARVALHO; MARIN, 2019). Por fim, mas não menos importante, vale ressaltar a relevância do ponto de vista de Beck (1995), que trouxe de forma inovadora a concepção do trabalho sobre os relacionamentos voltados para uma maior compreensão da estruturação cognitiva e o estabelecimento de crenças nos indivíduos, que, dessa forma, manejam seus relacionamentos sob a influência desses conceitos. A teoria cognitiva comportamental pode trazer a luz aos estudos voltados ao entendimento do funcionamento de muitos relacionamentos e de como vão se moldando ao passar do tempo de acordo com a estruturação cognitiva de cada indivíduo. A conjugalidade é, de fato, uma relação humana muito complexa e multifacetada, explicitada, assim, com variáveis dinâmicas e estáticas. Como revela Andrades (2018), as variáveis dinâmicas abarcam a possibilidade de modificação através de intervenções (métodos terapêuticos e psicoeducativos, por exemplo); no entanto, em se tratando das variáveis estáticas, têm-se as constituições do indivíduo que não são passíveis de modificações (história de vida, estilo de apego). No que diz respeito às funções neurológicas envolvidas nas relações amorosas, tem-se a dependência (principalmente)

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

emocional como produto. Assim, como ressaltam Bution e Wechsler (2016), esta modalidade necessita de atenção e investigação, pois não se difere de outros tipos de dependência e, inclusive, tem sua etiologia e sintomatologia postas de forma semelhante. Os autores ressaltam, ainda, que o perfil dos dependentes emocionais apresenta comportamentos de submissão ao outro, medo de solidão, baixa tolerância à frustração, abstinência na ausência, conflito de identidade, autonegligência, entre outras características que fazem com que este fator seja um grande risco para a violência. Esta relação se estabelece muitas vezes mutuamente e de maneira conflituosa, fazendo com que os abusos nos relacionamentos íntimos sejam altamente nocivos à qualidade de vida, saúde física e mental das vítimas (TOSTA, 2017). Abusos estes que podem se caracterizar de diversas formas, sendo sexuais, físicos, verbais e psicológicos; todos definidos pela característica de ameaça, restrição, persuasão e cerceamento de liberdade do outro, envolvendo uma ou todas essas esferas. Sendo a dependência, a necessidade de manter o abusador e a violência aspectos de ordens multicausais, um fator determinante para que estes pontos se desenvolvam seria o estilo de apego estabelecido durante a infância. Este “por sua vez, parece ser relativamente estável, sendo constituído na infância e reproduzido nos relacionamentos do indivíduo ao longo de toda sua vida” (ANDRADES, 2018, p. 12). Desde os primórdios da psicologia, estuda-se o vínculo entre pais e filhos e seu efeito repercutido ao decorrer da vida dos indivíduos. As ideias trazidas por Pontes (2007) elucidam os conhecimentos primeiramente descritos nas obras de Bowlby e as classificações determinadas por Ainsworth, que permitiram classificar os estilos de apego encontrados em cada indivíduo. Para Pontes (2007), o que pode ser apoiado pelas bases teóricas da obra de Ainsworth que trabalha as teorias de apego para a infância do ser humano, são determinados nas seguintes categorias: apego seguro e apego inseguro, este subdividido em evitativo, ambivalente e desorganizado. Como consequência, essas relações refletem nos modelos de apego na vida adulta, decorrentes do processo vivido na infância de cada pessoa. Quando se trata do modelo de apego seguro, encontra-se na vida do indivíduo um contexto considerado nutritivo e de bons tratos, onde o indivíduo possui tendência a ter uma boa relação com os demais, boa autoestima e busca por apoio social. No modelo de apego ambivalente, encontra-se um contexto de maior negligência, conduzindo a um indivíduo que tende a desconfiar dos outros, resiste a aproximação dos demais e possui rupturas frequentes (BOWLBY, 1969, apud PONTES, 2007) Já o sujeito que possui o modelo de apego evitativo possui um histórico de vivência violenta, seja psicológica ou fisicamente, comportando-se de forma pouco emotiva nas relações, incapaz de compartilhar pensamentos e sentimentos e com problemas na intimidade. Por fim, no Estilo de Apego Desorganizado, o indivíduo carrega um contexto caótico e violento, mutável e instável,

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

possuindo dificuldade para manter relações e afetos significativos, dificuldade para ver os demais sem distorções, além de condutas consideradas contraditórias (BOWLBY, 1969, apud PONTES, 2007) Há grande discordância entre a teoria de apego aplicada à vida adulta. No entanto, segundo Barstad (2013), os indivíduos vivem em uma constante busca por ligações e demonstram seus interesses de maneiras muito semelhantes às estabelecidas na infância. Alguns pontos, logicamente, se diferem das manifestações encontradas em crianças, tomando como exemplo, se encontra o toque físico na procura de proximidade e conforto que ocorre na vida infantil. No entanto, em adultos, a atração física se mostra como grande motivadora desta interação (embora se estabeleça, também, na procura por conforto). É perceptível, então, que o âmbito sexual se mostra bastante presente após as modificações e passagens da infância à vida adulta, não invalidando ou excluindo a procura constante por relações. Tem-se, então, como fruto de todas as interações humanas (o que não exclui as de ordem romântica) a violência. Este aspecto se mostra como um fenômeno complexo, recorrente em toda a história da humanidade e com marcas sociais, emocionais e culturais profundas. Como ressalta Minayo (2009), não diferente é sua conceituação, justamente por se tratar de um fator multicausal e de grande amplitude, sendo considerada, inclusive, como um problema de saúde pública. Dessa forma, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no Relatório mundial sobre violência e saúde, como descrito por Krug et al. (2002) define a violência como uso intencional de força ou poder contra si, outra pessoa, um grupo ou comunidade tendo como resultante ou que tenha possibilidade de resultar em danos de ordem física e psicológica. Dentre as variadas classificações e ramificações da violência, encontra-se a violência de gênero como forma de dominação que, de acordo com Minayo (2009), é comumente sofrida por mulheres. Este fator, direcionado especificamente ao gênero feminino, tem origem nas relações desiguais que foram se estabelecendo durante os séculos, principalmente, em função dos modelos familiares (GRIEBLER; BORGES, 2013). Por muitos anos, a problemática se arrastou e, conseqüentemente, complexificou-se por ser considerada de domínio privado, ou seja, o espaço doméstico. Segundo Griebler e Borges (2013), assim como todo conflito que ocorria neste meio, eram indiscutíveis e não se tornaram interesse público. Além disso, outro fator de perpetuação diz respeito ao fato dos comportamentos violentos serem intergeracionais, então, como explicitam Oliveira e Sani (2009), os sujeitos que vivenciaram ou presenciaram situações deste modelo no seio familiar, apresentam maior probabilidade de desenvolvê-las futuramente. Entende-se, também, segundo Babosa et al. (2021), que as ações denominadas violentas se configuram de maneira díspar em todos os grupos existentes de mulheres. Pedindo, de maneira indispensável, um olhar voltado à ótica da interseccionalidade (que reconhece as várias formas de opressão

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

feminina e suas vulnerabilidades), não se prendendo a discursos universalistas que as aprisionam em modelos estruturados. Se faz urgente compreender que determinados grupos de mulheres estão expostos e, consequentemente, vulneráveis de maneiras muito diferentes à violência, os autores ressaltam que: Tal perspectiva conduz à reflexão de como os eixos de opressão se entrecruzam e potencializam, uma vez que, do ponto de vista analítico, permite identificação dos problemas sociais, capturando suas consequências estruturais e dinâmicas das complexas intersecções entre os vários eixos de subordinação, buscando desnaturalizar o instituído (constituído). (BARBOSA et al., 2021, p. 4). Ao conceber a violência doméstica e, também a de gênero, fala-se, preferencialmente, das relações entre homem-mulher, o que não significa e nem exclui “que uma relação de violência entre dois homens ou entre duas mulheres não possa figurar sob a rubrica de violência de gênero” (SAFFIOTI, 1999, p. 83). Nesse sentido, a orientação sexual da vítima se mostra irrelevante para a configuração e classificação da violência, inclusive, a própria Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), em seu artigo 5º, parágrafo único, tece que as relações pessoais enunciadas independem de orientação sexual, demonstrando que a mulher pode estar inserida como sujeito passivo ou ativo de comportamentos violentos. Outro fato é que estes atos podem ocorrer sem restrição de gênero, visto que a cultura vigente se classifica de maneira machista, sexista e patriarcal, encontrando sua reprodução tanto em homens, quanto em mulheres. Dessa forma, têm-se a compreensão da violência como um fenômeno que impacta diretamente a forma como se dão os relacionamentos, principalmente em um viés considerado abusivo (MINAYO, 2009). Ao serem relacionados e analisados de forma aprofundada, encontra-se uma base na qual talvez estabeleça o que parece ser uma forma tão enraizada de apego emocional nesses relacionamentos (PONTES, 2007). Não só os comportamentos violentos são alvos de grandes problemáticas dentro dos relacionamentos, como também os comportamentos que tangem a infidelidade. Assim, como é perpetuada socialmente a ideia de que a infidelidade seria uma quebra de contrato e rompimento de confiança entre um casal, a traição é vista como um grande tabu a ser desvendado, onde sempre se procurou o real motivo que levou o indivíduo a trair. Entre homens e mulheres existe uma semelhança em questão a esse comportamento, visto que a maior parte das traições ocorre por meio de insatisfação com o presente relacionamento, sendo assim Homens e mulheres não difeririam quanto aos tipos de comportamentos que perpetuam e ao observar os motivadores para a infidelidade os resultados também se assemelharam: o principal motivador para a traição em ambos os sexos foi a insatisfação com o companheiro(a) ou com a relação. Esses achados evidenciam que, de maneira geral, homens e mulheres vivenciam a infidelidade de maneira semelhante, mantendo suas idiosincrasias, além de

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ



Continuação do Parecer: 5.459.129

apontar para a importância do relacionamento conjugal na compreensão do tema (SHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018, p. 11). Ademais, o que é considerado infidelidade para uma determinada pessoa pode variar em seus significados, visto que existe uma gama de tradições socialmente envolvidas, onde preza-se mais a traição por relação sexual à traição por desenvolvimento de vínculo amoroso com outro alguém (THOMPSON, 1984, apud SCHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018). Portanto, o que segue à luz da compreensão ainda é pouco aprofundado, porque a traição é um fenômeno multifatorial e de inúmeras camadas envolvidas podendo oscilar.

Hipótese: De que maneira o apego contribui para o estabelecimento e manutenção dos relacionamentos afetivos e influencia nas dificuldades vivenciadas?

Objetivo Primário: Analisar o apego e dificuldades de relacionamentos afetivos em mulheres.

Objetivo Secundário: Descrever as características de apego desenvolvidas ao longo da vida e nos relacionamentos atuais. Descrever as principais dificuldades encontradas nos relacionamentos afetivos na perspectiva de mulheres.

Metodologia Proposta: 4 MÉTODOS Será realizado um estudo de levantamento online, descritivo, de abordagem quantitativa e recorte transversal com o objetivo de analisar o apego e dificuldades de relacionamentos afetivos em mulheres. 4.1 Participantes A amostragem deste estudo será não probabilística. Serão convidadas a participar do estudo 100 mulheres maiores de 18 anos que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo. 4.2 Local A coleta de dados será realizada online. Sendo assim, a participante poderá responder a pesquisa de qualquer local que esteja confortável e disponha de acesso à internet. 4.3 Instrumentos e Materiais Para participar deste estudo online, o participante deverá contar com qualquer tipo de dispositivo eletrônico que permita acesso à internet. Para a coleta dos dados, será utilizado um questionário estruturado (APÊNDICE A) com perguntas referentes às características da história afetiva da participante, tanto com relação ao desenvolvimento dos vínculos iniciais com figuras de cuidado quanto como na relação com parceiros (as) atuais. Outro ponto abordado no questionário serão os comportamentos típicos das participantes nos relacionamentos. O questionário contém 56 perguntas ao todo, elaboradas pelas pesquisadoras para fins do presente estudo. Todas as perguntas contam como parâmetros definidos de respostas, contando, também, com questões de avaliação subjetiva, nas quais o participante deverá estimar, em uma escala de 0 a 5, o quanto aquela descrição se aplica a uma característica sua ou dificuldades vivenciadas nos relacionamentos afetivos. 4.4 Procedimento O convite para participação na pesquisa será realizado por meio das redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp, obtendo sua disseminação por

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ



Continuação do Parecer: 5.459.129

meio de compartilhamentos próprios da plataforma. Optou-se por esse delineamento online por possibilitar acesso a um maior número de mulheres que pudessem responder ao estudo. O questionário de coleta de dados ficará disponível de forma online durante 20 dias. Estima-se que o tempo máximo que os participantes levarão para respondê-lo será de 20 minutos. Entre as questões elaboradas, o participante responderá questões sobre dados de caracterização sociodemográficos, dificuldades nos relacionamentos afetivos e sobre características de apego desenvolvidas ao longo da vida e nos relacionamentos afetivos que estabelece na vida adulta. Os participantes serão orientados que as informações obtidas serão utilizadas estritamente para fins científicos. 4.5 Aspectos éticos O presente estudo será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP). Para seu desenvolvimento, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) foi elaborado com as devidas orientações e esclarecimentos sobre a pesquisa, seus riscos e benefícios, direitos, liberdades e garantias oferecidas aos participantes, formas de ressarcimento e indenização, contato com os pesquisadores e CEP, bem como a garantia de recebimento de uma cópia do TCLE, conforme descrito na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Considera-se que esta pesquisa tem riscos mínimos, apresentando como principais desconfortos esperados o cansaço ao responder as questões ou mobilização emocional pelo conteúdo abordado. Como forma de atenuar esses possíveis riscos, foram elaboradas questões curtas, no entanto, caso o participante sinta algum desconforto e/ou constrangimento, os contatos das pesquisadoras estarão à disposição para orientações e encaminhamentos necessários. Além disso, o participante poderá não responder a qualquer questão que cause algum desconforto e interromper sua participação imediatamente, momentânea ou definitivamente. No que se refere à coleta de dados em ambiente virtual, não será solicitada nenhuma informação que poderia pessoalmente identificar o participante, tais como seu nome, telefone, e-mail, etc. Além disso, assim que finalizada a coleta dos dados, as pesquisadoras imediatamente removerão o arquivo com as informações.

Riscos: Considera-se que esta pesquisa tem riscos mínimos, apresentando como principais desconfortos esperados o cansaço ao responder as questões ou mobilização emocional pelo conteúdo abordado. Como forma de atenuar esses possíveis riscos, foram elaboradas questões curtas, no entanto, caso o participante sinta algum desconforto e/ou constrangimento, os contatos das pesquisadoras estarão à disposição para orientações e encaminhamentos necessários. Além disso, o participante poderá não responder a qualquer questão que cause algum desconforto e interromper sua participação imediatamente, momentânea ou definitivamente. No que se refere à coleta de dados em ambiente virtual, não será solicitada nenhuma informação que poderia

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO		CEP: 14.090-180
Bairro: JARDIM PAULISTA		
UF: SP	Município: RIBEIRÃO PRETO	
Telefone: (16)3603-6600	Fax: (16)3618-6102	E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

pessoalmente identificar o participante, tais como seu nome, telefone, e-mail, etc. Além disso, assim que finalizada a coleta dos dados, as pesquisadoras imediatamente removerão o arquivo com as informações obtidas da nuvem, ficando o acesso único e exclusivo das pesquisadoras, garantindo, assim, a confidencialidade das informações.

Benefícios: Com relação aos benefícios da participação na pesquisa, acredita-se que ela possibilitará a reflexão sobre o desenvolvimento e manutenção das relações interpessoais no âmbito familiar e afetivo. A participante poderá refletir, ainda, sobre a forma como tem se relacionado com seus companheiros(as) e como sua história de vida e comportamentos podem impactar no desenrolar dos envolvimento amorosos. De modo amplo, a participação na pesquisa produzirá informações que ajudarão a entender as dificuldades nos relacionamentos afetivos de mulheres adultas, o que poderá contribuir com informações relevantes para a prática profissional de psicólogos que atuam com mulheres e dificuldades de relacionamentos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Após análise dos itens essenciais e do projeto de pesquisa como um todo, aprecia-se a relevância social que justifica a realização da pesquisa, assim como o procedimento metodológico a ser empregado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os Termos de apresentação obrigatória referentes aos requisitos éticos em pesquisas com seres humanos, atendem às exigências do CEPBM.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Barão de Mauá (CEPBM), de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação ao projeto de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1943961.pdf	13/05/2022 10:50:49		Aceito
Projeto Detalhado	Projetoapego.docx	13/05/2022	Alessandra Ackel	Aceito

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
BARÃO DE MAUÁ**



Continuação do Parecer: 5.459.129

/ Brochura Investigador	Projetoapego.docx	10:50:06	Rodrigues	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEapego.pdf	13/05/2022 10:49:48	Alessandra Ackel Rodrigues	Aceito
Cronograma	Cronogramapego.pdf	13/05/2022 10:49:08	Alessandra Ackel Rodrigues	Aceito
Outros	Questionarioapego.pdf	13/05/2022 10:48:37	Alessandra Ackel Rodrigues	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termoapego.pdf	13/05/2022 08:46:07	Alessandra Ackel Rodrigues	Aceito
Folha de Rosto	FRapego.pdf	13/05/2022 08:45:40	Alessandra Ackel Rodrigues	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIBEIRAO PRETO, 09 de Junho de 2022

Assinado por:
Cristina Endo
(Coordenador(a))

Endereço: RAMOS DE AZEVEDO

Bairro: JARDIM PAULISTA

CEP: 14.090-180

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3603-6600

Fax: (16)3618-6102

E-mail: cepbm@baraodemaua.br